

Integrar a

História Geral da África

nos sistemas educacionais

A via curricular



Integrar a

História Geral da África

nos sistemas educacionais

A via curricular



Setor de Educação da UNESCO

A educação é a prioridade máxima da UNESCO, porque se trata de um direito humano básico e é o alicerce para a construção da paz e a impulsão do desenvolvimento sustentável. A UNESCO é a agência especializada das Nações Unidas para a educação, e seu Setor de Educação assume liderança global e regional em educação, fortalece sistemas educacionais nacionais e responde a desafios globais contemporâneos por meio da educação com foco especial na igualdade de gênero e na África.

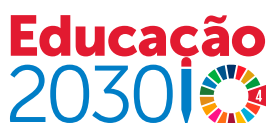
Agenda Mundial da Educação 2030

A UNESCO, no papel de agência especializada das Nações Unidas para a educação, está encarregada de liderar e coordenar a Agenda 2030 para a Educação, a qual faz parte de um movimento global para erradicar a pobreza por meio de 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) até 2030. A educação, essencial para o cumprimento de todos esses objetivos, tem seu próprio ODS, o de número 4, que visa a *“assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos”*. O Marco de Ação da Educação 2030 fornece orientações para a implementação desses ambiciosos objetivos e compromissos.



unesco

Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Publicado em 2026 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 7, place de Fontenoy, 75352 Paris 07 SP, França, e Michel Lafon Éducation, 116, boulevard Hausmann, 75008 Paris, França

© UNESCO e Michel Lafon Éducation, 2026

ISBN 978-92-3-700034-2

DOI <https://doi.org/10.54675/WUGB9376>



Esta publicação está disponível em acesso livre ao abrigo da licença Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 IGO (CC-BY-NC-SA 3.0 IGO) (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/igo/>). Ao utilizar o conteúdo da presente publicação, os usuários aceitam os termos de uso do Repositório UNESCO de acesso livre (<https://www.unesco.org/pt/open-access/cc-nc-sa>).

As imagens marcadas com um asterisco (*) não se enquadram na licença [CC-BY-SA](#) e não podem ser utilizadas ou reproduzidas sem a prévia autorização dos detentores dos direitos autorais.

Título original: *Mainstreaming the General History of Africa into education systems: the curriculum pathway*.

Publicado em 2025 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e Michel Lafon Éducation.

As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

As idéias e opiniões expressadas em esta publicação são as dos autores e não refletem obrigatoriamente as da UNESCO nem comprometem a Organização.

Foto da capa: imagem Sankofa © UNESCO/Aurélia Mazoyer; padrão na capa, nas páginas de abertura de seção e nos fólios: kirkchai benjarusameeros/Shutterstock.com*

Tradução: Orientse

Revisão técnica: Wagner Santana, Célio Cunha e Setor de Educação da Representação da UNESCO no Brasil

Revisão: Lúcia Leiria e Unidade de Publicações da Representação da UNESCO no Brasil

Design gráfico e diagramação: Michel Lafon Éducation

Impresso na França por Michel Lafon Éducation

RESUMO

Transformar o ensino da história africana

A educação sobre a história da África em ambientes de aprendizagem formais, não formais e informais continua a ser dominada por perspectivas eurocêntricas, levando a preconceitos e a uma representação desequilibrada do continente.

Esta publicação é um recurso destinado a apoiar os países na superação de perspectivas distorcidas sobre a África e a forma como sua história é ensinada. Seu objetivo é trazer à tona a história, as culturas e o patrimônio africanos por meio do currículo, fortalecendo conhecimentos, habilidades, valores e atitudes que contribuam para o enfrentamento do pensamento hegemônico e colonial de longa data e do preconceito racial a ele associado, ao mesmo tempo em que promove uma África e um mundo unidos, prósperos e pacíficos.

Partindo da visão decolonial e do conteúdo dos volumes da coleção *História Geral da África* (HGA), a publicação propõe princípios e abordagens orientadoras para a concepção e a implementação da História Geral da África no currículo. Apresenta linhas curriculares para a educação básica, que oferecem perspectivas renovadas e ampliadas sobre a história do continente, de suas diásporas e suas contribuições para a humanidade.

As linhas curriculares são estruturadas em nove unidades temáticas de aprendizagem, organizadas cronologicamente, desde as origens da humanidade e das civilizações até à história mais recente da África.



Integrar a

História Geral da África

nos sistemas educacionais

A via curricular

APRESENTAÇÃO



A UNESCO lançou, em 1964, o pioneiro Projeto História Geral da África para libertar a história africana das distorções produzidas pelo tráfico de pessoas escravizadas e pelo colonialismo, restaurando seu devido lugar em nossa história humana compartilhada.

O projeto visa uma África próspera e confiante, enraizada em um profundo autoconhecimento. Fornece uma plataforma global para os países africanos moldarem sua própria narrativa, resgatando sua história e, por meio dela, redefinindo os limites de seu futuro e o seu posicionamento geopolítico. Em sua essência, trata-se de autonomia intelectual, empoderamento e apropriação.

Mais de meio século depois, o projeto produziu onze volumes, oferecendo perspectivas renovadas e autênticas sobre a história da África, suas diásporas e suas contribuições para a humanidade. No entanto, integrar esse conhecimento nos sistemas educacionais na África e em outros lugares continua sendo um desafio.

Para abordar essa questão, a UNESCO está desenvolvendo um pacote de recursos educacionais para ajudar a integrar a História Geral da África nos sistemas educacionais de todo o continente. O material faz parte da iniciativa o *Uso Pedagógico da História Geral da África*, que desempenhou um papel fundamental na recuperação do ensino da história africana por meio de um conjunto de ferramentas de ensino e aprendizagem que abrangem o ensino básico.

No cerne do pacote de recursos está *A via curricular*, que propõe a integração da HGA no currículo. Ele aborda o que é ensinado, quando, como, por quem, onde e quais resultados de aprendizagem podem ser esperados.

Com o apoio de um recurso de formação curricular desenvolvido pelo Escritório Internacional de Educação da UNESCO, o recurso ajuda a identificar como perspectivas renovadas sobre a história e cultura africanas podem ser incluídas e fortalecidas por meio de políticas e programas educacionais. Também fornece exemplos de currículos para implementação.

O recurso igualmente incentiva abordagens inter e transdisciplinares, conectando temas como patrimônio cultural, aprendizagem socioemocional, direitos humanos, cidadania global, desenvolvimento sustentável e paz. O *Guia Pedagógico para Professores e Educadores* que, em breve, estará disponível, apoiará ainda mais a aplicação das abordagens em sala de aula.

O projeto História Geral da África é tanto uma poderosa reconciliação com o passado quanto uma bússola para construir o futuro. Ele nos convida a repensar a educação, fortalecer as sociedades e forjar conexões mais profundas entre os povos da África e o resto do mundo. É um projeto ambicioso, complexo, mas profundamente necessário.

A handwritten signature in black ink, which appears to read 'Stefania Giannini'.

Stefania Giannini

Diretora-Geral Adjunta de Educação, UNESCO

AGRADECIMENTO

Esta publicação representa os esforços coletivos de vários especialistas em educação e historiadores dedicados ao ensino e à aprendizagem da História Geral da África a partir de uma perspectiva africana.

A publicação foi liderada pela Seção de Cidadania Global e Educação para a Paz da Sede da UNESCO, sob a supervisão direta de Cecilia Barbieri e a orientação geral de Christopher Castle, Diretor da Divisão de Paz e Desenvolvimento Sustentável do Setor de Educação. O texto final desta publicação foi redigido por Denise Bentrovato e coordenado e editado por Mathilde Stoleroff, Kuany Kiiir Kuany e Miren Gonzalez-Bals. O processo de publicação contou com o apoio de Camille Maitre, Paula Braungart e Gabriela Cieploch.

A UNESCO gostaria de agradecer a Martial Ze Belinga, Jane Nyaga, Renato Opertti, Hugo Labate, David Njengere, Nelly Machu, Lily Mafela e Amadou Fall, que, ao longo de muitos meses, forneceram contribuições e comentários substanciais às diversas versões da publicação. O recurso também se beneficiou da condução e do parecer de especialistas de países na África. Além disso, agradecemos a Philip Stabback e Augustin Holl pela revisão.

Agradecemos também aos seguintes colegas pelas suas contribuições para a publicação: Lamine Diagne, Abdul Rahman Lamin, Eyerusalem Azmeraw, Ibrahima Cissé, Romina Kasman, Henry Renna, Florence Ssereo, Karel Fracapane, Isabel Tamoj, Mark Mann, Hugue Ngatta, Phinith Chanthalangsy, Victor Soo e Ana Ruiz.

A UNESCO agradece a Abdul Sow, Amadou Fall e Nelly Schimdt, bem como a todos os membros do Comitê Científico Internacional da HGA, por suas contribuições na esquematização do conteúdo dos materiais pedagógicos da HGA, iniciados em 2011. Seu trabalho estabeleceu a base a partir da qual esta ferramenta e o Pacote de Recursos da HGA foram inspirados.

Esta obra presta homenagem à memória de Yao Ydo, Nelly Schmidt e Abdul Sow.

ÍNDICE

Resumo	3
Transformar o ensino da história africana	3
Apresentação	6
Agradecimento	7
Acrônimos e abreviações	10
Introdução	11
Um pacote de recursos para integrar a História Geral da África nos sistemas educacionais: a via curricular	11
Estrutura	12
Público-alvo	13
Histórico	15
A HGA: uma iniciativa decolonial	16
O uso pedagógico da História Geral da África	17
Rumo à integração da HGA nos sistemas educacionais	17
Educação sobre e através da HGA	18
Integrar a HGA por meio de uma visão transformadora e decolonial da educação	20
O currículo e seus conteúdos	21
Práticas pedagógicas, espaços de aprendizagem e avaliação	22
Desenvolvimento profissional e apoio a professores e educadores	23
Política e programação	24
Integrar a HGA por meio da via curricular	27
O currículo em primeiro plano	28
Abordagens para a integração da HGA no currículo	29
Integrar a HGA por meio da dimensão formal do currículo	30
Integrar a HGA por meio da dimensão não formal do currículo	30
Integrar a HGA por meio da dimensão informal do currículo	31
Integrar a HGA por meio da Abordagem de Toda a Escola	31
Passos práticos para integrar a HGA no currículo	32

Identificação de pontos de entrada da HGA	34
Revisão e atualização de conceitos e terminologia	34
Conceitos de periodização	35
Termos eurocêntricos e depreciativos enraizados no colonialismo	36
Estudos de caso	37
Esboços do currículo da HGA: tópicos principais, áreas temáticas e resultados de aprendizagem	41
Principais resultados de aprendizagem	42
A dimensão cognitiva	42
As dimensões socioemocional, espiritual e comportamental	42
Unidades de aprendizagem da HGA e resultados de aprendizagem específicos	44
Integrar a HGA por meio do patrimônio cultural imaterial	45
UA 1. África, as origens da humanidade e das civilizações	46
UA 2. Civilizações e culturas da África Antiga	48
UA 3. Estados, reinos e impérios africanos	51
UA 4. Escravização e resistências	54
UA 5. Transformações e dinâmicas internas do século XVII ao século XIX	57
UA 6. Colonização e movimentos de resistência e libertação	60
UA 7. Surgimento de novos estados africanos e construção da União Africana	63
UA 8. Desafios e perspectivas atuais para a África	66
UA 9. Diásporas africanas	69
Principais recursos curriculares	73
Resumos dos volumes da HGA	74

ACRÔNIMOS E ABREVIações

EFTP: Ensino e formação técnica e profissional

HGA: História Geral da África

ODD 4: Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4

OUA: Organização da Unidade Africana

PCI: Património Cultural Imaterial

TES: Cúpula sobre a Transformação da Educação

UA: União Africana

INTRODUÇÃO

Um pacote de recursos para integrar a História Geral da África nos sistemas educacionais: a via curricular

A ferramenta curricular da História Geral da África concentra-se em integrar a História Geral da África (HGA) nos currículos da educação básica. Ela constitui um componente central do *pacote de recursos da UNESCO para a integração da História Geral da África nos Sistemas Educacionais*. O pacote de recursos da HGA, que continuará a evoluir progressivamente para incluir outras ferramentas educacionais, oferece orientação sobre potenciais vias para integrar a HGA em todas as esferas e dimensões da educação, de forma abrangente e sistemática. Como parte de uma estrutura mais ampla, *A via curricular* é uma ferramenta flexível e facilmente adaptável que serve como um instrumento fundamental de apoio para que os países aproveitem ao máximo a HGA e, simultaneamente, seu potencial para contribuir para a transformação da educação e das sociedades por meio dos seus currículos.

O objetivo do Pacote de Recursos da HGA, e mais especificamente desta ferramenta curricular, é fortalecer conhecimentos, habilidades, valores e atitudes que desafiem o pensamento hegemônico, colonial e eurocêntrico de longa data e o preconceito racial associado, contribuindo para a construção de uma África e de um mundo unidos, prósperos e pacíficos. Ao trazer à tona a história, as culturas e o patrimônio da África, este pacote fortalece o continente na construção de relações com o resto do mundo a partir de uma perspectiva confiante, fundamentada em sólido autoconhecimento. O pacote de recursos também pode beneficiar sociedades em todo o mundo, muitas das quais abrigam comunidades afrodescendentes que enfrentam desafios historicamente enraizados, como o racismo persistente e as desigualdades estruturais nas relações sociais. O Pacote de Recursos e sua ferramenta curricular representam, portanto, uma contribuição significativa da educação, da cultura e das humanidades para as lutas antirracistas e antidiscriminatórias locais e globais e para a busca por justiça.

O currículo é central e uma das ferramentas mais eficazes para a transformação educacional. Com base nessa premissa, *a Via Curricular* concentra-se na dimensão educacional como um passo fundamental para integrar a HGA nos sistemas educacionais. No entanto, integrar os conteúdos da HGA nos currículos escolares não é suficiente. A implementação significativa da HGA deve ir além da integração de conteúdo. Isso requer repensar o currículo juntamente com outras dimensões educacionais críticas, como a pedagogia, incluindo aspectos reimaginados e ampliados de ambientes, espaços e recursos de aprendizagem; métodos de avaliação; políticas de professores e desenvolvimento de capacidades para professores e educadores; bem como políticas, padrões, estruturas e programas educacionais mais amplos. Essas mudanças são necessárias não apenas para ensinar a HGA, mas para remodelar a educação por meio dela capacitando os estudantes a pensar de forma crítica e autônoma, a envolver-se com histórias diversas e a desenvolver as competências sociais, emocionais e comportamentais necessárias para desafiar os legados do colonialismo que continuam a influenciar a educação hoje. O *Guia Pedagógico para Professores e Educadores*, um componente-chave do pacote de recursos da HGA a ser publicado em breve, foi, portanto, elaborado como um complemento vital à *Via curricular*. Ele servirá como ferramenta para auxiliar os países a traduzir a visão e o conteúdo da HGA em experiências de aprendizagem significativas.

As responsabilidades e as pressões significativas enfrentadas por formuladores de currículos, professores e outras partes interessadas na educação são plenamente reconhecidas, especialmente quando lidam com múltiplas prioridades locais e nacionais, respondem às diversas necessidades dos estudantes, atendem às demandas globais e, muitas vezes, trabalham em ambientes com recursos limitados. Diante desse cenário complexo, é importante ressaltar que a integração da HGA nos sistemas educacionais, e mais especificamente nos currículos, não deve ser vista como uma carga suplementar ou como introdução de uma estrutura concorrente. Em vez disso, sua implementação efetiva, que só pode ser específica ao contexto e orientada localmente, deve ser entendida como reforço e alinhamento com agendas educacionais transformadoras, solidamente fundamentadas, que orientam reformas ou revisões curriculares em todo o continente e além-fronteiras. Integrar a HGA complementa esses esforços de reforma em andamento, defendendo e promovendo a visão compartilhada de uma educação reimaginada e transformadora em todo o continente e além-fronteiras, que é adotada por diferentes estruturas políticas locais, africanas e internacionais.

Estrutura

O recurso *Via curricular* da História geral da África está estruturado em quatro capítulos.

O capítulo 1 apresenta brevemente a HGA como uma iniciativa histórica e pedagógica baseada em evidências, explicando seu histórico, objetivos e realizações. Em seguida, descreve os princípios fundamentais que sustentam uma visão transformadora e decolonial, bem como o enquadramento educacional no qual a integração eficaz da HGA nos sistemas educacionais pode se apoiar. Por fim, fornece um panorama dos diferentes caminhos para integrar a HGA por meio de várias dimensões e esferas da educação.

O capítulo 2 explora a via curricular, articulando princípios orientadores e abordagens sistemáticas para a concepção e a implementação de um currículo transformador decolonial que abranja contextos de aprendizagem formais, não formais e informais. Identifica medidas práticas que podem ser tomadas em direção a um processo de renovação curricular que vise à integração da HGA – desde a organização de reuniões inclusivas com as partes interessadas até a formação de capacitadores e o desenvolvimento de materiais pedagógicos. Este capítulo oferece ainda orientações gerais para identificar possíveis pontos de entrada da HGA em políticas e programas de disciplinas existentes, e fornece exemplos de conceitos e terminologias a serem revistos. Por fim, ilustra o resultado dos processos de revisão empreendidos em alguns países selecionados na África que já implementaram ou estão iniciando a integração da HGA nos seus currículos.

O capítulo 3 propõe linhas curriculares que se baseiam diretamente nos volumes da HGA para oferecer perspectivas renovadas e mais amplas sobre a história da África e suas diásporas, e suas contribuições para a humanidade. As linhas curriculares são estruturadas em torno de nove unidades temáticas de aprendizagem, organizadas cronologicamente, desde as origens da humanidade e das civilizações até à história mais recente da África. Com base na noção de África Global, que abrange a África e suas diásporas, o objetivo é proporcionar a todos os estudantes uma ampla compreensão da história e das experiências africanas. Isso inclui a herança compartilhada e diversa do continente, seus laços com suas diásporas e suas relações, suas conexões e interações culturais, políticas e econômicas internas e externas, desafiando explicitamente os preconceitos coloniais e eurocêntricos. Para cada unidade de aprendizagem, as linhas curriculares propõem tópicos e subtópicos selecionados e sugerem exemplos de resultados cognitivos, sociais e emocionais de acordo com uma abordagem curricular em espiral. Essa abordagem envolve a revisitação de conceitos e tópicos-chave com complexidade crescente à medida que o processo de aprendizagem avança. Os esboços curriculares também sugerem exemplos de pontos de entrada para temas transversais

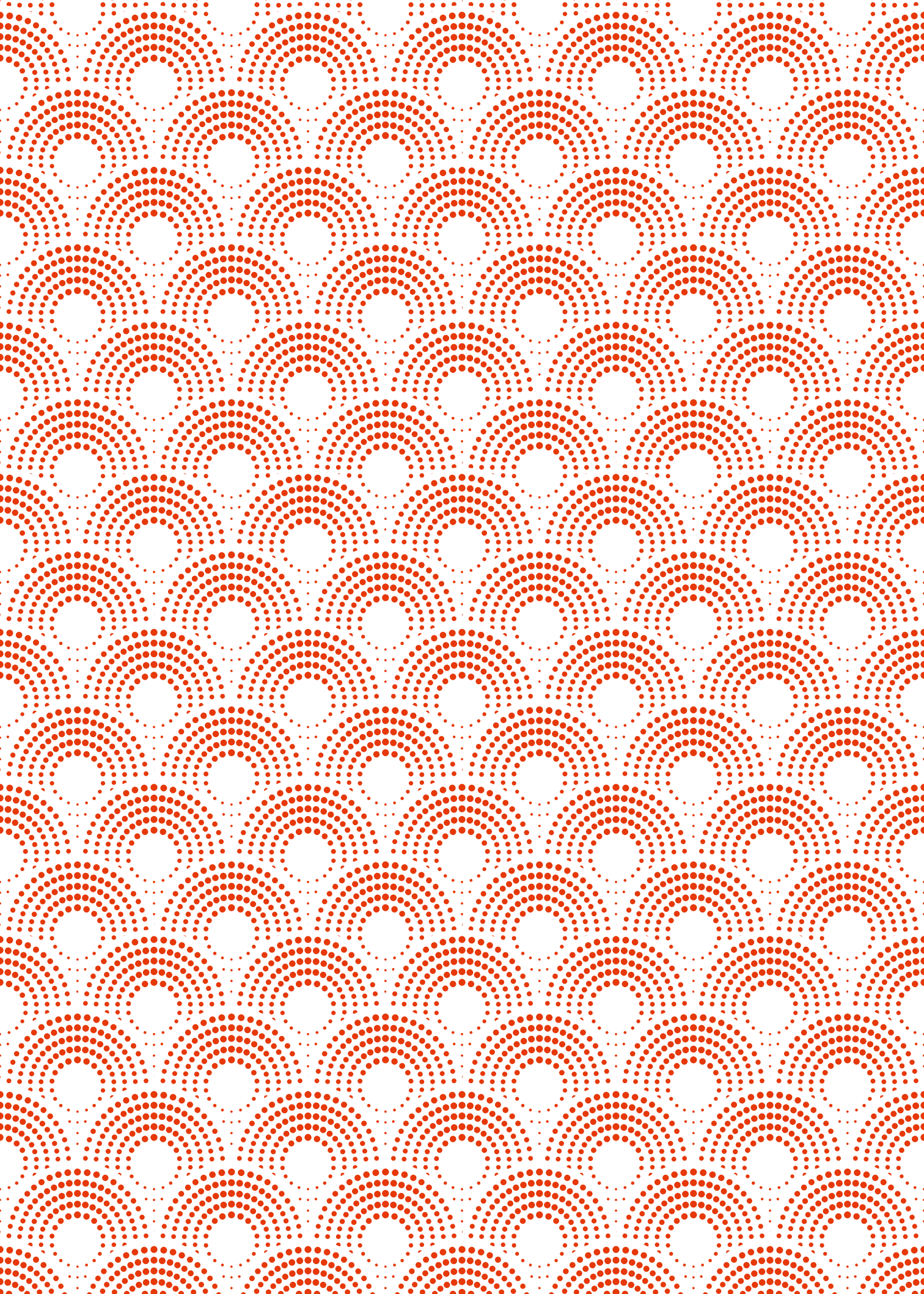
relacionados ao conhecimento local e endógeno africano e ao patrimônio cultural imaterial africano,¹ à paz, aos direitos humanos e à sustentabilidade, além de apresentarem exemplos de possíveis ligações interdisciplinares e transversais.

O **capítulo 4**, por fim, fornece um resumo dos volumes da HGA e uma lista de outros recursos relevantes, como anexos.

Público-alvo

Este recurso é destinado principalmente a formuladores de currículos e especialistas, bem como a consultores pedagógicos, que desejam incluir ou revisar e fortalecer o ensino e a aprendizagem da história da África a partir de perspectivas africanas renovadas em seus currículos. Também pode ser relevante para os formuladores de políticas educacionais e para educadores, incluindo professores e formadores de professores, diretores, supervisores e inspetores de escolas, bem como para autores e editores de livros didáticos e para todas as demais partes interessadas relevantes na educação, envolvidas em ambientes de educação formal, não formal e informal na África e além de suas fronteiras.

1. UNESCO. *What is intangible Cultural Heritage?*. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/what-is-intangible-heritage-00003>



The background features a repeating pattern of concentric dotted circles in orange on a white background. A large, solid orange circle is positioned on the right side of the page, partially overlapping the dotted pattern.

Capítulo 1

Histórico

A HGA: uma iniciativa decolonial

A UNESCO lançou a iniciativa História Geral da África (HGA) em 1964 em resposta à necessidade de se escrever uma história da África livre de preconceitos, deturpações e negações de longa data acumuladas ao longo do tempo. A HGA é um projeto ambicioso, duradouro e voltado para o futuro, com origens em movimentos emancipatórios africanos e pan-africanos. Esse projeto historiográfico pioneiro envolveu aproximadamente 350 especialistas africanos e africanistas e levou à publicação de oito volumes entre 1981 e 1999. Três novos volumes da HGA foram desenvolvidos, os quais atualizam e expandem a coleção da HGA existente, enfatizando os mais recentes desenvolvimentos sociais, políticos e arqueológicos no continente e em sua diáspora. Juntos, esses volumes oferecem perspectivas renovadas e mais autênticas sobre a história da África, de suas diásporas e de suas contribuições para a humanidade. A HGA confronta, dessa forma, os preconceitos eurocêntricos e coloniais presentes nas narrativas históricas, desafiando a ideia de que a África só passou a integrar a história por meio de seu contato recente com a Europa, e de que somente por meio das fontes, escritos e métodos europeus seria possível narrar o seu passado.

Adotando um ideal pan-africano,² concretizado pela primeira vez com a criação da Organização da Unidade Africana (OUA) em 1963, a HGA busca contribuir para uma África independente, unida e autoconfiante, resgatando sua história e patrimônio cultural, além de promover maior compreensão e engajamento global. Dessa forma, a HGA reflete e respalda a *Agenda 2063* da União Africana (UA): *A África que Queremos* e suas aspirações, buscando “um continente integrado, politicamente unido, baseado nos ideais do pan-africanismo e na visão do Renascimento da África”, “uma África pacífica e segura” e “uma África com forte identidade cultural, patrimônio, valores e ética comuns”.³ A HGA também reflete e respalda a *Carta da UA para o Renascimento Cultural Africano*. Ao observar que “a unidade da África baseia-se, antes de tudo, em sua história”, a Carta enfatiza “a necessidade de reconstrução da memória e da consciência históricas da África e da diáspora africana”.⁴

Entre outros aspectos, a HGA combina uma perspectiva continental e uma perspectiva da África no contexto global. Integra dimensões continentais, regionais, locais e globais ao estudo da história africana, explorando múltiplas dinâmicas e conexões internas sem negligenciar as externas, particularmente no que se refere à escravização e à colonização. Além disso, combina abordagens disciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares, abrangendo áreas como Arqueologia, Antropologia, Linguística, História, Sociologia, Musicologia e Ciências Físicas e Naturais. Por meio de suas inovações metodológicas e epistemológicas, a HGA promoveu uma profunda transformação na compreensão do passado da África e dos povos africanos, desmascarando mitos enraizados e rompendo silêncios há muito tempo impostos. Contribuiu para evidenciar conhecimentos científicos, técnicos, médicos, agrícolas e espirituais dos povos africanos e destacou suas conquistas culturais, manifestas, por exemplo, na arquitetura monumental, esculturas e escritos, tanto presentes no continente quanto reapropriados. A HGA também demonstrou a sofisticação dos regimes políticos e sistemas de organização social africanos que não apenas se mostraram originais, mas também, em seu contexto, eficazes, alguns ainda em prática atualmente. Em última análise, consolidou o lugar central e a contribuição da África e dos africanos para a história mundial e global.

2. O conceito de pan-africanismo refere-se a uma ideologia ou ideal político que defende a unidade e a solidariedade entre africanos e afrodescendentes em todo o mundo. Esse movimento, que surgiu no século XIX, lutou pela emancipação dos negros em todo o mundo e pelo fim do colonialismo e da dominação europeia na África. Seu primeiro grande encontro político conhecido ocorreu de 23 a 25 de julho de 1900, em Londres, convocado pelo advogado trinitário Henry Sylvester-Williams. A União Africana é uma de suas encarnações institucionais na África.
3. União Africana, *Carta do Renascimento Cultural Africano: A África Que Queremos. Versão Popular* (Comissão da União Africana setembro de 2015), p. 2.
4. União Africana, *Carta do Renascimento Cultural Africano*, adotada pela 6ª Sessão Ordinária da Assembleia, Cartum, Sudão – 24 de janeiro de 2006, pp. 9, 13.

“

Juntos, [os volumes da HGA] oferecem perspectivas renovadas e mais autênticas sobre a história da África, de suas diásporas, e suas contribuições para a humanidade.

”

1963

Criação da Organização da Unidade Africana (OUA)

1964

Lançamento da iniciativa da HGA

1981-1999

Publicação dos 8 volumes da HGA

2009

Lançamento de *O uso pedagógico da História Geral da África*

O uso pedagógico da História Geral da África

Em 2009, a UNESCO lançou *O uso pedagógico da História Geral da África*, uma iniciativa destinada a atender às altas expectativas expressas pelos países africanos em relação à adaptação do conteúdo dos volumes da HGA à educação escolar. A implementação foi recomendada em uma resolução da União Africana em 2009 e respaldada por seus Estados-membros durante a Cúpula para a Transformação da Educação (TES, na sigla em inglês), realizada na sede da ONU, em 2022. O projeto é decisivo para a consecução dos objetivos da *Carta da UA para o Renascimento Cultural Africano* e para a implementação de sua Agenda 2063, que enfatiza a necessidade de incorporar plenamente os ideais do pan-africanismo e do renascimento africano nos currículos. De forma mais ampla, *O Uso Pedagógico da História Geral da África* sustenta uma visão transformadora da educação, conforme adotada por diferentes estruturas políticas locais, africanas e internacionais.

Ao abraçar essas estruturas e as visões transformadoras que as sustentam, *O Uso Pedagógico da História Geral da África* busca atender às demandas de jovens africanos e afrodescendentes por uma decolonização e transformação da educação e de narrativas mais amplas sobre a África e suas diásporas. Dessa forma, aspira a contribuir significativamente para os esforços globais contra o racismo e a discriminação, bem como a promoção contínua da justiça.

Rumo à integração da HGA nos sistemas educacionais

A educação oferece a melhor oportunidade para as sociedades capacitarem os estudantes com o conhecimento, as habilidades, as atitudes e os valores necessários para o pleno desenvolvimento de seu potencial tanto pessoal quanto coletivo. Nelson Mandela captou essa centralidade da educação como elemento fundamental para uma transformação social positiva em sua famosa citação: “a educação é a arma mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo”.⁵

Reconhecendo esse potencial, e conforme consagrado no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4), muitos países reconheceram a necessidade de remover todas as barreiras que impedem o acesso de todos os estudantes ao seu direito humano fundamental à educação de qualidade em todos os contextos e ao longo da vida. No entanto, a concretização desse direito é apenas o primeiro passo de uma jornada muito mais ampla. Ela estabelece as bases, mas o verdadeiro progresso exige esforços contínuos para garantir que a educação não apenas alcance a todos, mas também os capacite a participar ativamente e construir uma sociedade mais justa e equitativa.

5. *The Mandela Visit; Education Is Mighty Force, Boston Teen-Agers Are Told*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1990/06/24/us/the-mandela-visit-education-is-mighty-force-boston-teen-agers-are-told.html>

“

*A educação é a arma mais poderosa
que podemos usar para mudar o mundo.*

Nelson Mandela

”

Conforme reafirmado pelo *Relatório da Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação*, pela *Cúpula da Educação Transformadora* e pela *Recomendação de 2023 sobre Educação para a Paz, os Direitos Humanos e o Desenvolvimento Sustentável*, a educação deve capacitar pessoas e sociedades a se transformarem em busca de justiça paz e desenvolvimento sustentável. Para que a educação desempenhe esse papel transformador, ela precisa ser transformada. Em um mundo pós-colonial, onde a educação, como espelho da sociedade, carrega o legado do colonialismo, essa necessidade é particularmente crítica.

Desde o lançamento de *O Uso Pedagógico da História Geral da África* em 2009, o panorama educacional global passou por mudanças significativas. Adaptar o conteúdo dos volumes da HGA à educação primária e secundária como base para a renovação necessária do ensino e da aprendizagem de história é pertinente, mas insuficiente se o objetivo for uma educação transformada e transformadora. Consequentemente, essa iniciativa foi expandida ao longo dos anos, ultrapassando a integração da HGA nos currículos de história e avançando rumo a uma integração mais abrangente e transformadora nos sistemas educacionais em geral. Trata-se de uma iniciativa fundamentada na crença de que a implementação da educação sobre e por meio da HGA pode ser **um condutor de uma educação transformadora decolonial**.

Educação sobre e através da HGA

A educação sobre a HGA implica incorporá-la no currículo e às práticas pedagógicas como tema de ensino. Envolve a incorporação do conhecimento produzido pelo projeto HGA ao conteúdo das aulas, nas salas de aula e nos programas escolares. Uma abordagem mais direta consiste em incluir temas relacionados à HGA na disciplina de história. Por sua vez, a educação por meio da HGA refere-se a um uso mais amplo e integral da projeto, encarando-o como uma oportunidade e uma ferramenta para reimaginar e transformar a educação em um motor social de mudança. Isso envolve integrar a HGA em todo o currículo e além dele, abrangendo ambientes e contextos formais, não formais e informais.

Integrar a HGA, portanto, implica uma implementação abrangente, sistêmica e multinível, contemplando os níveis macro, meso e micro em todos os ambientes de aprendizagem. Requer planejamento e implementação harmoniosos, desde as políticas públicas nacionais até a esfera escolar, estendendo-se à comunidade e à sociedade em geral. Abrange o planejamento e a implementação desde a educação infantil até o ensino superior, em ambientes formais, não formais e informais, incluindo a Educação de Jovens e Adultos, a educação e formação técnica e profissional (EFTP), bem

Integração transversal

A integração transversal ou holística é uma estratégia e um processo que envolve a incorporação e a assimilação de questões de relevância social em todas as esferas e dimensões da educação, de forma sistêmica e abrangente. Frequentemente, isso exige uma transformação profunda das estruturas e dos sistemas existentes. Mais do que adicionar um componente às práticas e estruturas já existentes, a integração transversal busca garantir que essas questões moldem de maneira fundamental a concepção, o desenvolvimento, a implementação, o monitoramento e a avaliação das intervenções educacionais.

como a formação de professores. Essa integração vai muito além da disseminação de “novos” conhecimentos sobre a HGA e da simples inserção de lições, unidades e exemplos adicionais que possam representar uma variedade maior de perspectivas. Uma integração transversal e efetiva da HGA nos sistemas educacionais implica uma transformação profunda de ecossistemas, estruturas e práticas de aprendizagem existentes. Exige uma reformulação mais ampla das políticas educacionais, escolas, currículos, pedagogias e materiais instrucionais, bem como dos processos de avaliação e do desenvolvimento profissional docente, entre outros aspectos. Essa compreensão integral fundamenta a ferramenta curricular e os futuros recursos que comporão o Pacote de Recursos da HGA, concebidos para abordar outras dimensões complementares essenciais para a plena integração da HGA nos sistemas educacionais.

Por que ensinar e aprender sobre e através da HGA?

- **Para desafiar imprecisões e preconceitos enraizados em perspectivas eurocêntricas e coloniais**, *dessilenciando* e reumanizando a África e sua história. A HGA oferece uma oportunidade concreta para esse processo ao apresentar as ricas história e cultura do continente e de suas diásporas, integrando a África à humanidade global e enfatizando suas contribuições históricas e culturais. Promove o conhecimento endógeno e tradicional como formas de abordar questões contemporâneas, ao mesmo tempo em que capacita os jovens com conhecimentos, habilidades, valores e atitudes para construir um futuro próspero e justo.
- **Inspirar nas gerações mais jovens da África e das suas diásporas um forte senso de pertencimento e autoconfiança**, assegurando que todos os estudantes tenham acesso a uma educação significativa que reflita sua história, herança e identidade, e que dialogue com suas expectativas e necessidades.
- **Para fomentar uma mudança profunda na compreensão da África, não apenas dentro do continente mas também nos modos como a África é representada em outros países**. A HGA constitui uma contribuição essencial para os esforços locais e globais de combate a o racismo e à discriminação, bem como para a busca contínua por direitos iguais e representação justa.
- **Para reposicionar o estudo da história e da cultura como disciplinas essenciais** para o desenvolvimento pessoal e social, promovendo o pensamento crítico e autônomo, a cidadania e a consciência cultural, e preparando os estudantes para futuros desafios locais e globais.
- **Para transformar a educação**, ou seja, construir sistemas educacionais capazes de oferecer aos estudantes conhecimentos, habilidades, valores e atitudes necessárias para construir futuros pacíficos para todos, ancorados na justiça social, econômica e ambiental.⁶
- **Para apoiar compromissos e aspirações políticas**, incluindo a visão da *Agenda 2063* da União Africana por “um continente integrado, politicamente unido e baseado nos ideais do pan-africanismo e na visão do Renascimento da África”, bem como as visões transformadoras para a educação adotadas em diferentes estruturas de política locais, africanas e internacionais.

6. Essa visão da educação está definida no ODS 4, na meta 4.7, incorporada na *Agenda 2063* e na *Carta para o Renascimento Cultural Africano* e ampliada no relatório da UNESCO *Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação* e mais recentemente na *Recomendação 2023 sobre Educação para a Paz, Direitos Humanos e Desenvolvimento Sustentável*.

Integrar a HGA por meio de uma visão transformadora e decolonial da educação

Em consonância com o espírito do projeto, a integração efetiva da HGA nos sistemas educacionais pressupõe uma educação que:

- rejeite todas as formas de colonialismo e neocolonialismo – político, econômico, cultural, epistêmico, linguístico e pedagógico – bem como todas as formas derivadas de preconceito, desigualdade e invalidação;
- promova um ambiente que permita a os estudantes refletir livre e criticamente sobre suas identidades multifacetadas, seus contextos sociais e políticos e suas posicionalidades, ou posicionamentos sociais, compreendendo como esses fatores moldam suas experiências vividas e visões de mundo; um ambiente em que possam aprender a desaprender e a re-aprender, desconstruindo preconceitos, estereótipos, ideias preconcebidas e narrativas que alimentam e perpetuam o racismo, a discriminação, o ódio e a desigualdade;
- seja não discriminatória e emancipadora tanto no plano pessoal quanto no coletivo;
- reconheça a necessidade de conectar passado, presente e futuro, especialmente para abordar de maneira eficaz as causas e os legados históricos da violência e da discriminação, como a escravidão e o colonialismo. Esse ponto é particularmente importante porque são legados que continuam a se manifestar em estruturas, instituições, crenças e comportamentos atuais, por exemplo, por meio do neocolonialismo;
- promova a equidade e a igualdade, abrangendo gênero, raça, etnia, religião, local de residência, nacionalidade além de dar visibilidade a histórias, memórias, aspirações, tradições e conhecimentos locais historicamente silenciados e excluídos;
- seja restaurativa e pluriversal, em vez de universalista, ao reconhecer, validar e incorporar diferentes visões de mundo, práticas culturais e sistemas de crenças, ao mesmo tempo em que desafia perspectivas coloniais, hegemônicas, etnocêntricas e androcêntricas;
- reconheça e valorize a dignidade e a diversidade dos estudantes em ambientes educacionais, eliminando todas as barreiras à aprendizagem e capacitando-os a refletir de maneira livre e crítica – tornando-se agentes de mudança e protagonistas de seus próprios futuros. Isso implica uma educação que possibilite a tomada de decisões e ações informadas em níveis individual, comunitário, local, nacional, regional e global;
- entenda a educação como um processo integrado e multifacetado ao longo de toda a vida, abrangente e capaz de interseccionar, conectar e articular diferentes áreas do conhecimento, disciplinas e contextos de aprendizagem, reconhecendo que a aprendizagem vai além do ambiente formal da sala de aula e que a comunidade, a família e a sociedade civil desempenham papéis cruciais nesse processo.

Mais especificamente, a integração transversal da HGA nos sistemas educacionais pode envolver a aplicação dos princípios da “decolonialidade” como paradigma e estratégia para reavaliar o conhecimento marginalizado.

Decolonialidade, como paradigma e método de reavaliação de sistemas de conhecimento marginalizados, combate o descrédito de experiências históricas e culturais não europeias. Esse processo de restauração e reparação das múltiplas formas de conhecimento antigo, tradicional e local faz parte de uma busca por justiça epistêmica, reconhecendo todos os povos como igualmente capazes de produzir conhecimento.

Essa abordagem pode transformar os processos educacionais ao aproveitar e incorporar conceitos, valores, tradições, filosofias e modos gerais de estar no mundo africano.

Esse enquadramento incluiria:

- valorização e integração de **conhecimentos, práticas e habilidades antigas e locais**, em reconhecimento ao conhecimento científico, técnico, médico, agrícola, espiritual, artístico e político dos povos africanos;
- embasamento em **valores e éticas** incorporados em sistemas de crenças africanos locais, incluindo a preocupação com a proteção da vida e dos seres vivos; o interesse pela vida social e pelos bens comuns; uma ética de cuidado, empatia e solidariedade; a valorização da sabedoria e do bom senso (transmitidos, por exemplo, por meio de contos, enigmas, metáforas e paradoxos), além do conhecimento conceitual e das habilidades práticas; e a preocupação com o ambiente natural e cultural das sociedades humanas. Isso implica basear-se em concepções locais de vida, governança (*Mansaya, Gacaca, Xeer Issa, Gada, Ubuntu*, etc.), convivência, laços sociais (*sanankuya, avuso*, etc.), relação humana com a terra e o meio ambiente, sustentabilidade e viabilidade econômica;⁷
- adoção de práticas que integrem, reforcem e salvaguardem a transmissão intergeracional do **patrimônio cultural imaterial (PCI)** e, de forma mais ampla, sua continuidade intergeracional. O PCI inclui tradições orais, artes cênicas, práticas sociais, rituais e eventos festivos, bem como conhecimentos e práticas relativos ao cosmos e ao trabalho artesanal, que têm ajudado as comunidades a lidar de forma sustentável com questões recorrentes como segurança alimentar, ameaças à saúde e aos meios de subsistência e disputas ambientais e sociais. Isso se traduz na integração do patrimônio vivo das comunidades de estudantes, bem como em seus métodos de transmissão holística no ensino em sala de aula e em atividades extracurriculares;
- reconhecimento e valorização das **línguas africanas locais** como ferramentas indispensáveis de pensamento, comunicação e tradução, e como enciclopédias vivas da memória, permitindo a expressão das especificidades e subjetividades da história. As línguas refletem pessoas, povos, lugares, cursos de água e a geografia, todos elementos que expressam a relação das pessoas com seu meio ambiente. Esse princípio pode ser traduzido na valorização do ensino da língua materna e do plurilinguismo como abordagens que permitem a expressão das identidades culturais, perspectivas e modos de ser específicos dos estudantes.

Aplicar essa visão de forma transversal em todas as dimensões dos sistemas educacionais tem implicações para os currículos e conteúdos curriculares, para a pedagogia, para os espaços de aprendizagem e avaliação, para o desenvolvimento de professores e profissionais da educação, e para políticas e programas mais amplos.

O currículo e seus conteúdos

A integração da HGA na educação pode se concretizar em um currículo e conteúdos curriculares que:

- adotem abordagens integrais, **disciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares** para explorar as relações entre a HGA e diferentes áreas de conhecimento e disciplinas, atividades e práticas escolares, incluindo atividades não formais;

7. A sustentabilidade tem sido tradicionalmente promovida para honrar certos espíritos ou ancestrais por meio de espécies animais ou vegetais protegidos, bem como por meio de práticas principalmente utilitárias de caça, pesca e coleta, para alimentação, medicina e outras necessidades.

- integrem **dimensões locais, regionais, continentais e globais** ao estudo da história e das culturas africanas, explorando as múltiplas dinâmicas e ligações internas e externas;
- concentrem-se não apenas na história **política** e nos *grandes homens*, mas também nas **histórias sociais, econômicas, culturais e ambientais**, bem como nas experiências de homens, mulheres e crianças *comuns*; isso pressupõe uma mudança de ensino, passando de narrativas centradas em reis e elites dominantes para histórias de transformações políticas, sociais e culturais, e de desenvolvimentos científicos e artísticos;
- valorizem as **fontes orais e a arqueologia** como fontes históricas essenciais, sujeitas ao mesmo tratamento que as fontes escritas;
- reconheçam a **longa história da África** e seu papel como **berço da humanidade**, como lar de **civilizações endógenas** antigas e em constante evolução, e como um espaço para trocas e **interações** internas e externas contínuas, que resultaram, entre outros efeitos, em **transferências** mútuas de conhecimentos e avanços para além do continente;
- reconheçam o papel das **práticas religiosas e espirituais africanas e de suas cosmologias** na evolução do continente, juntamente com a crescente influência das religiões abraâmicas, em particular o islamismo e o cristianismo, no desenvolvimento econômico, sociocultural e político do continente;
- reconheçam a **ação histórica, a iniciativa, o dinamismo e a capacidade dos africanos de inovar e de resistir à subjugação** e aos efeitos destrutivos dos “contatos” violentos com o mundo exterior;
- reconheçam o **impacto da escravização** de africanos, do tráfico de pessoas escravizadas, da escravização e do trabalho forçado nas sociedades africanas e nas percepções do continente e de seus povos no mundo;
- reconheçam a **sobrevivência das diásporas africanas** diante da desumanização e da violência, bem como sua influência e **contribuições** para o mundo, desde a construção da economia global até a promoção dos valores de liberdade, igualdade, justiça social e direitos humanos por meio de sua resistência à escravização;
- incentivem a compreensão crítica das relações complexas entre **passado, presente e futuro e dos legados de violência**, exclusão e todas as formas de discriminação e seus efeitos.

Práticas pedagógicas, espaços de aprendizagem e avaliação

A integração da HGA na educação, sob esta perspectiva, pode também traduzir-se em **práticas pedagógicas, espaços de aprendizagem** e processos avaliativos organizados da seguinte forma:

- aplicar **abordagens integrativas** inter e transdisciplinares, que adotem múltiplas modalidades capazes de envolver os diferentes sentidos dos estudantes (visual, auditivo, tátil e cinestésico). Tais abordagens permitem que a aprendizagem seja mais inclusiva, equitativa, colaborativa, criativa e significativa. Elas contribuem para superar preconceitos cognitivos, incluindo aqueles derivados de ideologias coloniais e outras formas de conhecimento imposto, além de reduzir divergências entre a escola e a sociedade;
- **conectar a educação às famílias e às comunidades**. Essas abordagens buscam aproximar as famílias e as comunidades das experiências escolares dos jovens – unindo a educação formal, não formal e informal, e promovendo a aprendizagem ao longo e em todas as fases da vida, dentro de um ecossistema educacional mais amplo que valoriza o conhecimentos, práticas e habilidades locais;

- aplicar **conceitos reimaginados e expandidos de espaços e recursos de aprendizagem**. Isso implicaria aproveitar as vantagens de bibliotecas, centros comunitários, museus e espaços de patrimônio cultural, entre outros. Significaria transformar escolas, universidades e outras instituições de educação formal em espaços comunitários abertos que preparem aprendizes para a vida toda, reconhecendo e promovendo a dimensão coletiva da aprendizagem. Essa abordagem fortalece a transmissão cultural e reconhece que aprender é um processo que ocorre com e por meio de outras pessoas, colegas, idosos, detentores de patrimônio vivo, artistas etc. Os espaços de aprendizagem devem facilitar a transmissão do PCI, por exemplo, por meio de rodas de contação de histórias, oficinas comunitárias ou encenações ritualísticas;
- incorporar e conectar significativamente as **dimensões de aprender a conhecer, a ser, a fazer e a aprender a viver juntos**⁸ (com e dentro do universo/natureza/pátria), garantindo a interconexão efetiva das dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual da aprendizagem;
- incentivar os estudantes a assumir o papel de cocriadores ativos de conteúdo de aprendizagem, avaliação, espaços e abordagens, garantindo que a educação não seja apenas transmissão de conhecimento, mas um processo **participativo e criativo** que se baseia no conhecimento sociocultural dos estudantes e educadores para integrar a herança aos processos de aprendizagem;
- tornar as práticas **vivenciais, reflexivas, críticas, dialógicas e orientadas para perspectivas múltiplas**, incluindo perspectivas interculturais e intergeracionais;
- garantir que a anamnese e a avaliação, embora contextualmente relevantes, sejam isentas de preconceitos culturais ou de qualquer natureza, sendo projetadas exclusivamente para beneficiar os estudantes e seu processo de aprendizagem.⁹ Isso também implicaria encontrar maneiras de garantir que a **avaliação** seja **flexível e abrangente**, permitindo o reconhecimento de diferentes maneiras de conhecer, ver, ser, fazer e sentir em um contexto pluriversal.

Desenvolvimento profissional e apoio a professores e educadores

A autonomia e a iniciativa dos professores para criar experiências de aprendizagem enriquecedoras são cruciais para a integração e a implementação da HGA nos sistemas educacionais. Eles se beneficiariam, entre outras ações, de esforços voltados para:

- infundir treinamento de professores e programas de desenvolvimento profissional contínuo com **conhecimentos e metodologias** da HGA, equipando professores e educadores com ferramentas para ensinar a história e a herança africanas a partir de perspectivas revisadas, e para identificar e abordar preconceitos e equívocos existentes;
- sensibilizar professores e educadores sobre a importância de reconhecer e refletir criticamente sobre seu próprio **posicionamento**, incluindo suas próprias identidades sociais, status e concepções, e a influência que esses fatores podem ter em suas atividades de ensino;
- capacitar professores e educadores atuais e futuros com as ferramentas para promover, de forma mais confiante, a reflexão crítica e o aprendizado sobre **histórias potencialmente sensíveis e emotivas** relacionadas à opressão e à violência, cujos legados podem permear a sociedade;¹⁰

8. Delors, Jacques, *Learning: The treasure within; report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century*, 1996. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590>

9. UNESCO. *Framework for Culture and Arts Education*, 2021. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000376144_fre

10. UNESCO. *Teaching to prevent atrocity crimes: A guide for teachers in Africa*, 2023. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386136>

- equipar professores e educadores com conhecimentos, habilidades e confiança para promover uma aprendizagem que **conecte o passado a questões presentes**, como o racismo e a desigualdade, e que se conecte a **futuros imaginados** de modo a promover a cidadania crítica;
- equipar e dar suporte a professores e educadores para usar **pedagogias integrativas, multi-modais e experienciais** que ressoem com práticas culturais locais, como contação de histórias, aprendizagem comunitária e atividades práticas que unam ambientes de aprendizagem formais e informais;
- fornecer aos professores orientação para que possam adotar o **plurilinguismo** na sala de aula como uma validação da diversidade linguística de estudantes e professores, reconhecendo o valor das línguas locais como portadoras precípuas de conhecimento e ferramentas de transmissão cultural.

Política e programação

No âmbito da **política e da programação**, integrar a HGA e sua visão subjacente poderia, entre outros ganhos, envolver as seguintes ações:

- **promover formalmente a preservação, transmissão e revitalização do patrimônio cultural** por meio da educação e participação das comunidades locais e de portadores de conhecimento, garantindo que o conhecimento e as práticas endógenos sejam documentados e transmitidos às gerações futuras;
- **explorar formas alternativas de governança e relacionamentos** escolares que incorporem sistemas e abordagens tradicionais para promover a participação democrática, a tomada de decisões coletivas e a responsabilidade social;
- **adotar a aprendizagem ao longo da vida** como uma abordagem que vai além da educação formal e conecta a educação formal e a não formal, aprimorando a colaboração entre escolas e instituições culturais, locais de patrimônio e outros espaços de aprendizagem;
- **incentivar a(s) língua(s) materna(s) e o plurilinguismo na educação** dentro de uma abordagem de aprendizagem contínua ao longo da vida, contribuindo com o desenvolvimento da linguagem, melhorando a capacidade e expandindo o acesso a materiais de ensino e aprendizagem em vários idiomas locais;
- **fortalecer as capacidades dos professores** e oferecer apoio que os incentive no desenvolvimento de materiais relevantes, treinamento e comunidades de prática.



Capítulo 2

Integrar a HGA
por meio da via
curricular

O currículo em primeiro plano

Conforme descrito no capítulo anterior, integrar a HGA desempenha um papel central, não apenas ao fornecimento de educação de qualidade, mas também em na concretização de uma educação transformada e transformadora, emancipatória, restauradora e que contribua para maior justiça e paz. O currículo é central nesse processo porque reúne todas as outras dimensões e os componentes educacionais. É o currículo que articula o que deve ser ensinado, quando, como, por quem e para quais fins. Ele impulsiona a (re)configuração de abordagens de aprendizagem, espaços de aprendizagem, materiais didáticos, ferramentas pedagógicas e capacidades e disposições profissionais que os educadores, especialmente os professores, podem precisar desenvolver. O currículo também

fornece orientação sobre a avaliação da aprendizagem. Visto tanto como um produto quanto como um processo, ele pode servir como uma plataforma dinâmica capaz de impactar profunda e positivamente as próximas gerações, lançando as bases para uma transformação social positiva.

A aplicação significativa de uma visão e de uma abordagem transformadora decolonial aos currículos por meio da HGA requer compreender o currículo como sociocultural, integral, sistêmico, multifacetado, orientado para o estudante e baseado no professor.¹¹

Sociocultural: implica conectar a visão e os objetivos (o “porquê”), o conteúdo e as práticas que conduzem o processo de aprendizagem (o “quê”), as pedagogias (o “como”), o escopo e a sequência (o “quando”) e os espaços de aprendizagem (o “onde”) garantindo que todos os estudantes sejam igualmente valorizados. Assim, um currículo transformador por meio da HGA é construído a partir de diversos ambientes e experiências de aprendizagem interconectados, alinhados a avaliações formais e informais, para assegurar que todos os estudantes tenham acesso a oportunidades personalizadas de aprendizagem.

Integral: refere-se a um currículo que contribui para o bem-estar integral de todos os estudantes, oferecendo uma variedade ampla e interconectada de áreas de conhecimento e experiências de aprendizagem relacionadas às suas aspirações, interesses, capacidades e circunstâncias. Isso significa alinhar todos os componentes curriculares e pedagógicos ao desenvolvimento dos estudantes garantindo uma progressão e conclusão fluidas da aprendizagem.

Sistêmico: Envolve posicionar o currículo como um motor fundamental da educação equitativa e de qualidade, reforçando seus vínculos entre as diversas dimensões dos sistemas educacionais. Requer uma visão de longo prazo da educação que envolva políticas culturais, sociais, econômicas, comunitárias, familiares e de cidadania.

“

O currículo, visto tanto como um produto quanto como um processo, pode servir como uma plataforma dinâmica capaz de impactar profunda e positivamente as próximas gerações, lançando as bases para uma transformação social positiva.

”

11. UNESCO, *Curriculum in Transformation Mode: Rethinking Curriculum for the Transformation of Education and Education Systems*, Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000387188>

Multifacetado: concentra-se em oito dimensões interligadas:

- prescrita: o currículo escrito e formal, tal como apresentado em planos e programas oficiais;
- implementada: o que é realmente ensinado pelos professores;
- negociada/mediada: como o currículo é interpretado pelos diferentes níveis, instituições e atores dentro dos sistemas educacionais;
- percebida: como é compreendido e apropriado pelos professores;
- vivenciada: como é conectado e valorizado pelos estudantes;
- alcançada: os resultados de aprendizagem e as competências desenvolvidas;
- oculta: pressupostos, regras, valores e atitudes implícitos e tácitos que contextualizam o ensino, a aprendizagem e a avaliação dentro de cada escola;
- esquecida: partes do currículo prescrito que não são abordadas (também chamado de currículo nulo).

Orientado para o estudante: promove a inclusão social e a educação inclusiva, envolvendo todos(as) os(as) estudantes e explorando seu potencial e capacidade de assumir o controle de sua própria aprendizagem. Um currículo orientado para o estudante compreende cada aluno(a) como único(a), permitindo abordagens de aprendizagem personalizadas que ajudam a remover barreiras à igualdade de oportunidades educacionais.

Baseado no professor: capacita os(as) professores(as) como formuladores(as)-chave de políticas de sala de aula e coformuladores(as) de currículos, e como coagentes junto a seus estudantes em uma abordagem proativa de ensino e aprendizagem. Isso requer equipar os(as) professores(as) com um repertório pedagógico dinâmico que promova confiança e compreensão mútuas, garantindo que a aprendizagem seja relevante, sustentável e envolvente.

Abordagens para a integração da HGA no currículo

A integração da HGA no currículo, conforme descrito anteriormente, pode ser realizada por meio de diferentes abordagens. Uma etapa simples é a integração de conteúdos relacionados à HGA em disciplinas e áreas de conhecimento específicas, como história, disciplina particularmente relevante para os conteúdos da HGA. Uma abordagem mais abrangente pode envolver a integração da HGA em múltiplos tópicos e disciplinas como Ciências Sociais, Geografia e Biologia, entre outros.

Esse processo de integração pode envolver dimensões formais, não formais e informais do currículo, conforme ilustrado a seguir.

Nota: não existe uma abordagem única para a integração da HGA. A implementação eficaz requer não apenas planejamento e elaboração cuidadosos, mas também garantia de que a abordagem esteja alinhada ao contexto específico do país e de seu sistema educacional – considerando desde as normas e recursos culturais locais até as condições particulares das escolas e salas de aula do país. Por exemplo, devem ser levados em conta fatores como o ambiente e as condições da sala de aula, a preparação dos professores, o acesso à tecnologia e a disponibilidade de recursos para apoiar a aprendizagem experiencial – como visitas de estudo a locais culturais ou participação em atividades culturais e sociais da comunidade.

Integrar a HGA por meio da dimensão formal do currículo

A dimensão formal de um currículo refere-se ao **programa educacional estruturado e planejado** que define o que se espera que os estudantes aprendam em um ambiente escolar durante o horário escolar regular. Isso inclui o desenvolvimento e a utilização de planos de aula, embasados em um repertório de abordagens pedagógicas para contemplar a pluralidade de estudantes em todos os níveis de ensino.

Integrar a HGA ao currículo formal implica incorporar conteúdos e pedagogias relacionados às políticas curriculares oficiais e aos programas e planos de aula específicos de cada disciplina.

Esse processo pode envolver as seguintes etapas:

- identificação de vertentes, subvertentes, conteúdos, opções de aprendizagem e avaliação existentes, assim como materiais de ensino e aprendizagem que estejam alinhados e possam ser vinculados à HGA;
- reconhecimento das principais ideias e conceitos da HGA que fundamentam o currículo existente;
- definição de resultados de aprendizagem adicionais relacionados à HGA;
- identificação de pontos de inserção adequados para apresentar ideias, conceitos, conteúdo e pedagogias da HGA;
- fortalecimento da capacidade entre especialistas e formuladores de currículo para integrar a HGA nos pontos de inserção identificados;
- revisão dos programas de estudo e dos suportes de aprendizagem necessários para uma implementação eficaz.

Integrar a HGA por meio da dimensão não formal do currículo

A dimensão não formal do currículo refere-se a **experiências de aprendizagem organizadas que ocorrem fora do ambiente formal da escola, mas que podem ser estruturadas e intencionais**. Elas podem complementar, auxiliar e aprimorar o currículo formal. Algumas atividades não formais podem incluir programas comunitários, estágios e envolver a participação de pais, responsáveis e de outras partes interessadas, incluindo a liderança escolar e a comunidade.

Integrar a HGA por meio do currículo não formal pode envolver os seguintes elementos:

- identificação de pontos de inserção para incorporar a HGA em atividades cocurriculares, como atividades dramáticas, música e teatro;
- reconhecimento de oportunidades para destacar conteúdos da HGA em programas de educação para a cidadania, clubes de jovens e iniciativas de serviço comunitário. Debates ou projetos de voluntariado podem incluir discussões e ações centradas em temas da HGA, ajudando os estudantes a conectar a história à responsabilidade social e ao desenvolvimento comunitário;
- identificação de oportunidades no currículo para ensinar sobre a HGA e conteúdos relacionados por meio de visitas educacionais a museus, centros culturais, sítios históricos ou simpósios, entre outros;
- capacitação de membros da comunidade em geral, como agentes culturais, para planejar e conduzir seminários ou aulas sobre conteúdos relevantes da HGA, atuando como educadores nas escolas e ampliando o engajamento dos estudantes;

- elaboração de cursos estruturados de curta duração, programas de treinamento e oficinas de fim de semana sobre temas da HGA. Esses programas podem ser oferecidos por organizações educacionais, grupos de jovens e instituições culturais para complementar a educação formal.

Integrar a HGA por meio da dimensão informal do currículo

A dimensão informal do currículo refere-se à **aprendizagem não estruturada e experiencial**, que pode ocorrer naturalmente na vida escolar cotidiana, por exemplo, por meio de interações entre professores, estudantes e colegas, das práticas e rotinas diárias e da exposição ao ambiente e à atmosfera mais amplos da escola. Essa dimensão é complementada pela aprendizagem informal fora do ambiente escolar, presente na vida cotidiana. Incluindo conhecimentos, habilidades e valores adquiridos por meio da família, do engajamento social, das tradições culturais e das mídias digitais. Embora não seja institucionalmente planejada ou avaliada, a aprendizagem informal desempenha um papel fundamental na formação de visões, atitudes e comportamentos.

Integrar a HGA por meio do currículo informal pode incluir os seguintes aspectos:

- conscientização da comunidade escolar sobre a importância e o impacto potencial de rotinas diárias específicas, práticas sociais e cultura escolar mais ampla na aprendizagem, bem como o desenvolvimento de políticas e estratégias para incentivar valores e princípios pedagógicos relacionados à HGA, tais como experiências de aprendizagem autoafirmativas e culturalmente empoderadoras;
- estabelecimento de espaços informais de colaboração, como clubes extracurriculares ou grupos de discussão *online*, onde os estudantes possam reunir-se para explorar tópicos relacionados com a HGA, com partilhar ideias e participar em diálogos significativos;
- incentivo aos estudantes a conectarem-se com suas famílias e comunidades e a engajarem-se na aprendizagem intergeracional por meio de tradições orais, histórias familiares e práticas culturais locais. Famílias e comunidades podem funcionar como recursos importantes para a aprendizagem informal, fornecendo exemplos de vida e narrativas que conectam eventos históricos às experiências locais e ao patrimônio cultural;
- utilização do poder das tecnologias digitais para compartilhar conteúdo educacional atrativo sobre a história africana. Ferramentas digitais, como jogos interativos, *podcasts* e vídeos, podem oferecer oportunidades de aprendizagem acessíveis que permitam aos estudantes explorar a história africana além do horário escolar;
- estímulo ao uso de plataformas de mídia social para que os estudantes compartilhem e discutam conteúdos relacionados à HGA. As mídias sociais podem ser uma ferramenta poderosa para conectar estudantes a especialistas, recursos históricos e colegas.

Integrar a HGA por meio da Abordagem de Toda a Escola

Por fim, a integração da HGA no currículo pode implicar a **integração das dimensões formal, não formal e informal da aprendizagem** por meio da *Abordagem de Toda a Escola* (em inglês, *Whole School Approach*). Isso significa incorporar a HGA à vida escolar, tornando-a, com sua visão e princípios fundamentais, parte da cultura e do *ethos* da escola. Essa abordagem pode envolver todos os atores, incluindo estudantes, professores, pais, liderança escolar, pessoal não docente e membros da comunidade, como promotores ativos da HGA e de seus valores.

Integrar a HGA por meio de uma abordagem de toda a escola pode incluir o seguinte:

- criação de equipes ou comissões de HGA nas escolas para desenvolver e coordenar a implementação de planos de ação integral de HGA, bem como políticas e estratégias escolares alinhadas com seus valores e aspirações. Essas equipes podem incluir professores, estudantes e representantes da comunidade;
- incorporação da HGA em conteúdos, pedagogia e práticas de sala de aula em diversas disciplinas e áreas de aprendizagem, assim como no desenvolvimento e no apoio aos professores;
- organização de atividades escolares e comunitárias que envolvam todos – desde os estudantes até a comunidade em geral – a fim de criar experiências de aprendizagem e conexões significativas. Essas atividades podem incluir amplas celebrações artísticas e comemorativas sobre história, culturas e patrimônio africanos na escola, como exposições, rituais, cerimônias, festivais, dias do patrimônio ou fóruns envolvendo a comunidade em geral;
- vinculação do currículo a uma implementação mais ampla da HGA em todos os espaços de aprendizagem, desde as salas de aula até salas de professores, clubes e bibliotecas, entre outros.

Passos práticos para integrar a HGA no currículo

Várias medidas práticas podem ser adotadas para iniciar o processo de integração da HGA nos currículos escolares, podendo incluir os seguintes processos:

- **organização de uma reunião nacional de consulta inicial** ou de workshops com as partes interessadas relevantes para discutir a HGA e delinear formas de integrá-la no currículo, definindo etapas e ações para assumir a responsabilidade pela iniciativa. Isso pode garantir que cada país considere e desenvolva abordagens localizadas, alinhadas às suas necessidades e prioridades educacionais específicas. Os objetivos desses workshops podem incluir :
 - familiarizar uma série de partes interessadas com o projeto HGA, sua importância, visão e abordagens;
 - identificar estratégias potenciais e desenvolver um roteiro para integrar a HGA no currículo e nos sistemas educacionais mais amplos, aproveitando o vasto potencial da HGA para contribuir para a transformação da educação;
 - identificar os recursos técnicos, humanos e financeiros necessários, bem como soluções para potenciais desafios;
 - mapear as partes interessadas e os parceiros relevantes a serem envolvidos no processo e suas respectivas funções;
 - elaborar estratégias para garantir e fortalecer a vontade política e o respaldo institucional e comunitário por meio de iniciativas de sensibilização e engajamento;
 - identificar possíveis estratégias de monitoramento e avaliação.

Este processo pode ser iniciado pelos ministérios nacionais da educação e pelas agências de desenvolvimento curricular, com o apoio da UNESCO e de seus escritórios nacionais ou regionais, quando necessário, bem como das Comissões Nacionais da UNESCO e da União Africana. Pessoas podem ser indicadas como **ponto-focais** para coordenar os esforços intersetoriais e interinstitucionais destinados a integrar a HGA no currículo de cada uma das instituições envolvidas;

- **estabelecimento de uma equipe de revisão** composta pelas pessoas indicadas como pontos-focais e por outras partes interessadas relevantes, para revisar o currículo existente, juntamente com a ferramenta Via curricular da HGA presente no Pacote de Recursos, e

identificar possíveis pontos de entrada ou complementos para integrar a HGA. Este trabalho pode ter como objetivo as seguintes produções:

- **um relatório de avaliação curricular**, estabelecendo até que ponto a HGA já está incorporada ao currículo e identifique oportunidades para fortalecer ainda mais essa integração (ver Seção 2.4, para exemplos de métodos potenciais para identificar pontos de entrada da HGA usando a ferramenta da *Via curricular*),
- **matrizes** para integrar conteúdos e abordagens pedagógicas da HGA na concepção curricular dos diferentes níveis da educação básica, bem como na formação de professores, educação infantil, educação para estudantes com deficiência, EFTP, educação não formal etc.

O(s) painel(is) de especialistas indicado(s) pode(m) ser subdividido(s) em equipes de trabalho separadas sob uma única estrutura de coordenação, conforme o contexto. Podem ser necessárias reuniões regulares para monitorar o progresso e delinear as próximas etapas, garantindo que os processos de consulta e tomada de decisão sejam inclusivos.¹² O painel de especialistas também poderá considerar:

- **organizar oficinas de desenvolvimento de capacidades para formuladores de currículos, especialistas e membros de painéis temáticos** sobre a HGA. Oficinas de elaboração curricular poderiam incluir sessões dedicadas à HGA à fim de garantir que todos os membros do painel estejam sensibilizados para as oportunidades relacionadas. A distribuição de cópias impressas das matrizes da HGA e materiais de orientação relevantes aos membros do painel ajudaria a referenciar conceitos-chave, conteúdo, resultados de aprendizagem, atividades e opções de avaliação para integração em suas respectivas disciplinas;
- **organizar oficinas de formação de capacitadores**, com o objetivo de construir uma massa crítica de professores e educadores preparados para ensinar sobre e através da HGA com pedagogias transformadoras, promovendo comunidades de prática em torno da HGA;
- **criar materiais pedagógicos e repositórios ou centros de recursos relacionados à HGA**, que poderiam incluir livros didáticos, recursos digitais e materiais didáticos complementares. Esses repositórios serviriam como ferramentas educacionais valiosas tanto para professores quanto para estudantes, facilitando o ensino e a aprendizagem da HGA e por meio dela.

Observação: a integração da HGA nos currículos é facilitada quando coincide com processos de renovação curricular e quando está conectada a prioridades temáticas/transversais relacionadas, como a revalorização da identidade e da cultura e a promoção da cidadania global ou o fortalecimento de competências transversais, como o pensamento crítico. Se uma reforma curricular estiver planejada ou em andamento, o processo pode ser iniciado com etapas semelhantes às descritas acima. Quando a revisão do currículo já tiver sido concluída, os preparativos para o próximo ciclo de revisão podem começar, aproveitando-se a oportunidade para avaliar como a HGA poderia ser integrada em revisões futuras. Enquanto isso, formuladores e especialistas em currículo podem, por exemplo, explorar maneiras de integrar a HGA em materiais e recursos suplementares.

12. As principais partes interessadas a serem consultadas e envolvidas podem incluir, entre outros, representantes dos ministérios nacionais/federais de educação fundamental, ensino médio e superior e da cultura; formuladores de currículos, funcionários do ministério da educação responsáveis por disciplinas de diversas áreas de aprendizagem, lideradas pelas Humanidades e Ciências Sociais (Estudos Sociais, Educação, Geografia etc.) bem como funcionários de apoio ao currículo; membros de painéis de desenvolvimento curricular em várias disciplinas; conselhos de exames nacionais (e regionais); faculdades de formação de professores e formadores de professores; professores, suas associações nacionais e locais nos setores público e privado, e comissões de serviço de docentes; associações nacionais de diretores; associações de estudantes e de pais; comitês de gestão escolar; associações de editoras e autores de livros didáticos; instituições culturais como museus, locais históricos e monumentos; organizações da sociedade civil, comunitárias e não governamentais; organizações de mídia; e organizações internacionais, como a UNESCO e suas comissões nacionais.

Identificação de pontos de entrada da HGA

Para integrar efetivamente a HGA no currículo, é útil identificar os principais pontos de entrada em vários domínios, tais como:

- **na política:** identificar o possível alinhamento da HGA com as políticas e programas nacionais, como a constituição e a visão do país, os planos de reforma curricular e os valores educacionais nacionais, bem como com as políticas, marcos e compromissos internacionais, continentais e regionais relevantes;
 - **no currículo e documentos relacionados:** visando à integração mais significativa possível em todo o currículo, a HGA pode ser estruturada como uma questão transversal, incorporando múltiplas disciplinas e pedagogias por meio de abordagens interdisciplinares e de toda a escola;
 - **em programas de disciplinas:** referências à HGA, sua importância, visão, princípios basilares e implicações, podem ser incluídas na justificativa para o ensino da disciplina, nos objetivos gerais e nas orientações pedagógicas e de avaliação. Conteúdos e resultados de aprendizagem da HGA propostos no esboço curricular no Capítulo 3 desta ferramenta também podem ser incorporados às linhas gerais dos programas de conteúdo prescrito. Na disciplina de História, por exemplo, conteúdos da HGA podem ser incluídos como uma seção específica dedicada à história africana ou integrados em seções que cubram a história local, nacional, sub-regional ou mundial, enfatizando conexões com perspectivas africanas (globais).
- Os esboços curriculares apresentados no Capítulo 3, juntamente com o Guia Pedagógico para Professores e Educadores (a ser publicado em breve), oferecem inspiração para **integrar perspectivas africanas e regionais mais amplas em temas tradicionalmente ensinados como “nacionais”**, como civilizações e culturas antigas, escravidão, domínio colonial, resistência, independência, eventos atuais e as relações nacionais com o mundo em geral. Isso poderia ser alcançado, por exemplo, estabelecendo paralelos ou comparações com diferentes contextos e experiências africanas.
 - Eles também oferecem inspiração para **integrar perspectivas africanas e regionais em tópicos “internacionais” comuns** que, tradicionalmente, tendem a excluir ou marginalizar experiências africanas, como civilizações mundiais, revoluções, guerras mundiais e a Guerra Fria, além de ideologias políticas como o liberalismo e o socialismo, e eventos atuais.
 - Além disso, apresentam sugestões para **integrar perspectivas africanas em disciplinas como Estudos Sociais, Geografia e Ciências**, por exemplo, em temas relacionados ao meio ambiente, governança, cidadania, economia, organizações internacionais e globalização.

Revisão e atualização de conceitos e terminologia

Também é importante identificar conceitos e terminologias que precisam ser evitados ou revisados em consonância com o espírito da HGA. Revisar e atualizar os currículos existentes sob a perspectiva transformadora e decolonial que sustenta a iniciativa da HGA, envolve reconhecer e ajustar conceitos e termos desatualizados, inadequados ou eurocêntricos. A seguir, apresentam-se alguns exemplos de termos e conceitos comumente utilizados que devem ser reconsiderados.

“

Também é importante identificar conceitos e terminologias que precisam ser evitados ou revisados em consonância com o espírito da HGA.

”

Conceitos de periodização

Os conceitos de periodização referem-se à divisão da história da humanidade em grandes períodos, cada um representando determinadas experiências humanas, seja em termos de condições de vida, tecnologia, características culturais ou climáticas etc.

A Europa geralmente faz distinções entre Pré-História, Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. Essa periodização, baseada nos principais marcos da história europeia, tem sido adotada há muito tempo fora da Europa, inclusive na África, mas não é aplicável a todas as partes do mundo, que possuem especificidades regionais naturais, tecnológicas e culturais.

Experiências fora da Europa sugerem diferentes subdivisões da história. Os últimos volumes, IX - XI, da HGA propõem a seguinte periodização da história africana.

1 – História Inicial da África: das origens humanas ao surgimento do Egito faraônico.

2 – História Antiga da África: do Egito faraônico ao contato com potências não africanas: com a Ásia e a China no Oriente, com o Oceano Índico e os mundos muçulmanos, e com a Europa após a circum-navegação de uma frota portuguesa no final do século XV.

3 – História Moderna da África: correspondente a um período de interação com o mundo entre o século XV e o início do século XX.

4 – História Contemporânea da África: da luta pela liberdade até os dias atuais.

Por exemplo, o critério comumente usado por muitos anos para separar a “Pré-História” (como o primeiro estágio da experiência humana) da “História”, marcada pelo surgimento da escrita na Mesopotâmia e no antigo Egito (por volta de 3300 a.C.), não permite uma demarcação clara entre os povos dessas diferentes eras. De fato, algumas sociedades africanas e indígenas americanos que não utilizavam a escrita, desenvolveram culturas sofisticadas e tangíveis, baseadas em conhecimentos e iniciações orais ou codificadas de forma diferente. O conceito de *História Inicial* é preferível a o de *Pré-História*, pois enquadra a história começando com o surgimento da vida e progredindo por meio de fases de adaptações e mudanças tecnológicas, culturais e ambientais, de efeito cumulativo.

A expressão “África Pré-Colonial” é frequentemente utilizada em narrativas sobre o continente africano. No entanto, esse termo, geralmente empregado para descrever eventos imediatamente ou pouco antes da colonização, é problemático, pois concentra a experiência africana inicial em torno do período colonial, reunindo milhares de anos de história evolutiva e rica em acontecimentos em um único período definido pela dominação europeia. Portanto, é inadequado categorizar a história africana em três períodos: pré-colonial, colonial e pós-colonial.

Termos eurocêntricos e depreciativos enraizados no colonialismo

Dialeto: este termo tem sido frequentemente usado de forma sistemática para negar a capacidade das sociedades africanas de criar e utilizar línguas sofisticadas. Embora seja um termo técnico em linguística, tornou-se depreciativo ao se referir às chamadas línguas e culturas africanas “menores”. Aos olhos coloniais, apenas as línguas europeias tinham status.

Idolatria: os europeus aplicavam esse termo depreciativo às formas de adoração que encontravam fora da Europa. Autoridades coloniais e missionários consideravam perversas as manifestações locais de crença espiritual que envolviam a veneração de diversas imagens, representações e totens. O uso de “Religiões Africanas” e “Afrodescendentes” refere-se às crenças religiosas e espirituais africanas que existiam no continente antes do cristianismo e do islamismo. Esse termo é preferível às expressões coloniais pejorativas – como idolatria, paganismo, misticismo religioso, descrentes etc. –, mas é sempre recomendável identificar as religiões pelos seus nomes originais.

Tribo: nas narrativas sobre povos africanos, a palavra *tribo* tem sido usada por muito tempo para descrever grupos pertencentes a um período pré-histórico ou pré-moderno, imóvel no tempo. Seu uso contínuo na África, como sinônimo de grupos culturais ou políticos, permanece, em grande parte, pejorativo e carece de critérios rigorosos. O termo pressupõe implicitamente que as pessoas designadas são, de alguma forma, “atrasadas” e precisam evoluir rumo a uma forma superior de organização estatal ou civilização. Reconhecendo essas conotações como invenções coloniais fundamentais para o domínio europeu na África, muitos estudiosos preferiram abandonar o termo, com algumas exceções.¹³ Na história contemporânea, expressões como “povos” e “comunidades”, são geralmente consideradas como apropriadas.

Escravo/escravização: as expressões “**pessoa escravizada**” e “**escravização**” são preferíveis a “escravo” e “escravidão”, pois esta não era uma condição natural. O termo “escravização” é cada vez mais utilizado para ilustrar o fato de que a privação de liberdade é um processo que envolve uma série de etapas ou uma construção social, que os seres humanos podem rejeitar, combater e superar.

Descobertas: o termo “descobertas” tem sido usado para descrever encontros entre exploradores europeus e o resto do mundo entre os séculos XV e XVII. É inadequado por diversas razões. Sugere que a Europa estava “descobrimdo” o resto do mundo, efetivamente “revelando” povos e civilizações que existiam há muito tempo. É factualmente impreciso, visto que houve contatos anteriores ao século XV (os vikings na América, asiáticos e africanos etc.). Por fim, as chamadas “descobertas” e “explorações” foram operações de guerra em larga escala, envolvendo o massacre e a eliminação sistemática de populações locais, incluindo nativos americanos, bem como povos indígenas na Austrália, na América do Sul e em outras partes do mundo, em prol da hegemonia europeia.

Desenvolvimento: o conceito de desenvolvimento frequentemente pressupõe um único caminho: do subdesenvolvimento ao desenvolvimento “ao estilo ocidental”. Isso reforça a noção de que sistemas econômicos e políticos ocidentais são padrões universais de sucesso, marginalizando o conhecimento cultivado por outras sociedades ao longo dos séculos. Ignora-se, por exemplo, o conhecimento científico, técnico, médico, agrícola, espiritual, artístico e político dos povos africanos, considerando-o inferior. Da mesma forma, a conceituação e a categorização de países “**em desenvolvimento**”, “**em desenvolvimento**” e “**menos desenvolvidos**” está enraizada em estruturas capitalistas e centradas no Ocidente, priorizando indicadores econômicos e desconsiderando as dimensões ambientais, sociais ou culturais do bem-estar.

13. Ngūgĩ wa Thiong’o, *The Myth of Tribe in African Politics*, Transition, No. 101, Looking Ahead (2009), pp. 16–23

Modernidade: refere-se ao conjunto de instituições e modos de vida que distinguem as condições de vida contemporâneas das de períodos anteriores. A prática dominante tem sido estabelecer uma norma, uma espécie de modelo de vida ideal, baseada em valores e estilos de vida comuns no Norte Global. Reconhecer que cada povo, área e região pode construir suas próprias instituições contemporâneas legítimas e eficazes, suas necessidades e contexto, implicaria a existência de modernidades múltiplas ou híbridas, refletindo as diversas origens de valores e instituições sociais.

Estudos de caso

Alguns países de África, incluindo o Quênia, o Botsuana e a Serra Leoa, aderiram à HGA e embarcaram em um processo de revisão curricular inspirado nesta iniciativa, visando cumprir os compromissos dos membros da União Africana (UA) no âmbito do *Uso Pedagógico da História Geral da África*.

O **Quênia** tem estado na vanguarda dos esforços para integrar a HGA em seu sistema educacional como parte de uma reforma curricular mais ampla, que resultou na transição de um currículo baseado em conteúdo e objetivos para um currículo baseado em competências. O novo currículo foi implementado até o oitavo ano, com novos desenvolvimentos em andamento. Os principais elementos do processo do Quênia para integrar a HGA no currículo nacional incluem estes pontos:

- ▶ **em defesa da HGA:** a integração da HGA no processo de reforma curricular do Quênia começou com a defesa de sua relevância junto à equipe de formuladores de currículos, por meio de oficinas de sensibilização. Isso levou à criação de matrizes da HGA que descrevem unidades de aprendizagem e resultados de aprendizagem para ambientes formais e não formais. O objetivo era permitir a integração da HGA por meio das dimensões formal, não formal e informal de educação, pedagogia, materiais curriculares, atividades cocurriculares, supervisão instrucional e gestão de professores, visão e missão das escolas, políticas, regras e regulamentos;
- ▶ **abordagem de toda a escola:** o Quênia adotou abordagens amplas e integrativas para a incorporação da HGA. Por meio dessas abordagens, o Quênia buscou envolver todos os membros da comunidade escolar na promoção da HGA, incluindo estudantes, professores, equipe de apoio, conselhos administrativos, familiares, a comunidade escolar em geral e outras partes interessadas relevantes. O objetivo não é apenas que a HGA se torne parte da cultura escolar e regule as relações entre as escolas, mas que também se crie uma conexão que permita a apropriação do processo de integração da HGA;
- ▶ **abordagem sistemática baseada em matrizes:** o sistema matricial adotado no Quênia visa garantir que a HGA seja integrada em vários níveis educacionais, incluindo a educação básica, formação de professores e em todas as disciplinas, como Estudos Sociais, Artes, Música, Agricultura, Ciências e Ciências Domésticas;
- ▶ **ênfase em competências e diversidade:** ao migrar para a aprendizagem baseada em competências, o currículo queniano busca promover uma compreensão mais ampla e profunda da história, ao mesmo tempo em que garante que os estudantes desenvolvam habilidades de pensamento crítico e apreço pela diversidade. O currículo reformulado concentra-se em sete competências essenciais, incluindo uma ampla compreensão da cidadania que abrange dimensões sub-regional, regional e mundial;

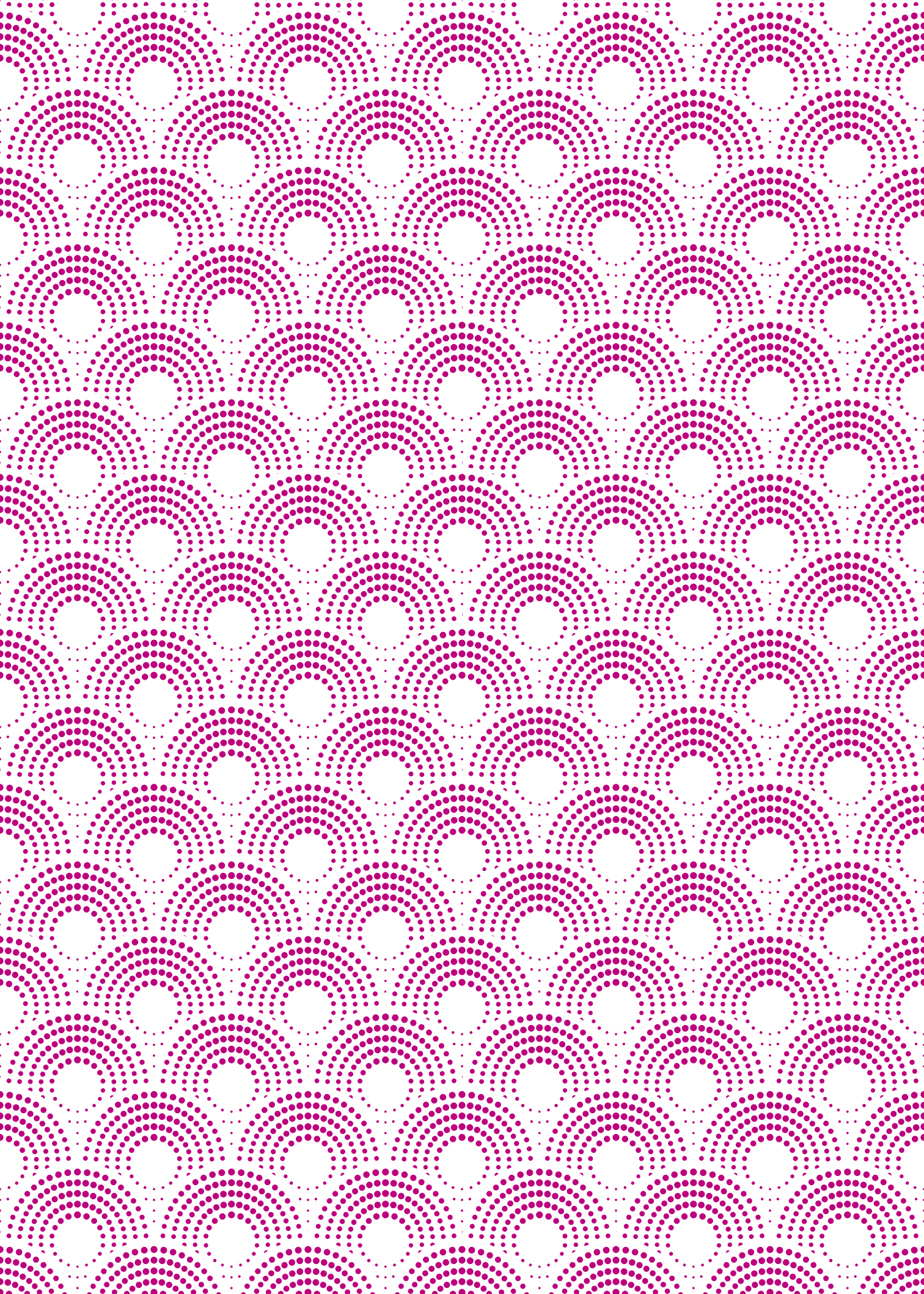
- **aprendizagem de serviço comunitário:** o currículo reformado do Quênia integra o aprendizado em sala de aula e o serviço comunitário, permitindo que os estudantes reflitam, vivenciem e aprendam junto à comunidade;
- **educação baseada em valores:** os valores são um pilar fundamental do currículo reformado, capacitando os estudantes a responder aos desafios éticos que enfrentam, valorizar a diversidade e demonstrar respeito e empatia por todas as pessoas, e colaborar com outros para ajudar a transformar a sociedade;
- **pedagogias transformadoras:** o currículo reformulado busca capacitar os estudantes a examinar criticamente seus conhecimentos, crenças e valores. Seu objetivo é desenvolver uma aprendizagem reflexiva e investigativa, valorizando múltiplas perspectivas e fomentando consciência crítica e senso de urgência para transformar a sociedade. Isso é alcançado quando a aprendizagem transcende o intelecto, conectando-se às emoções, valores e ações. Essas pedagogias são altamente compatíveis com a iniciativa HGA.

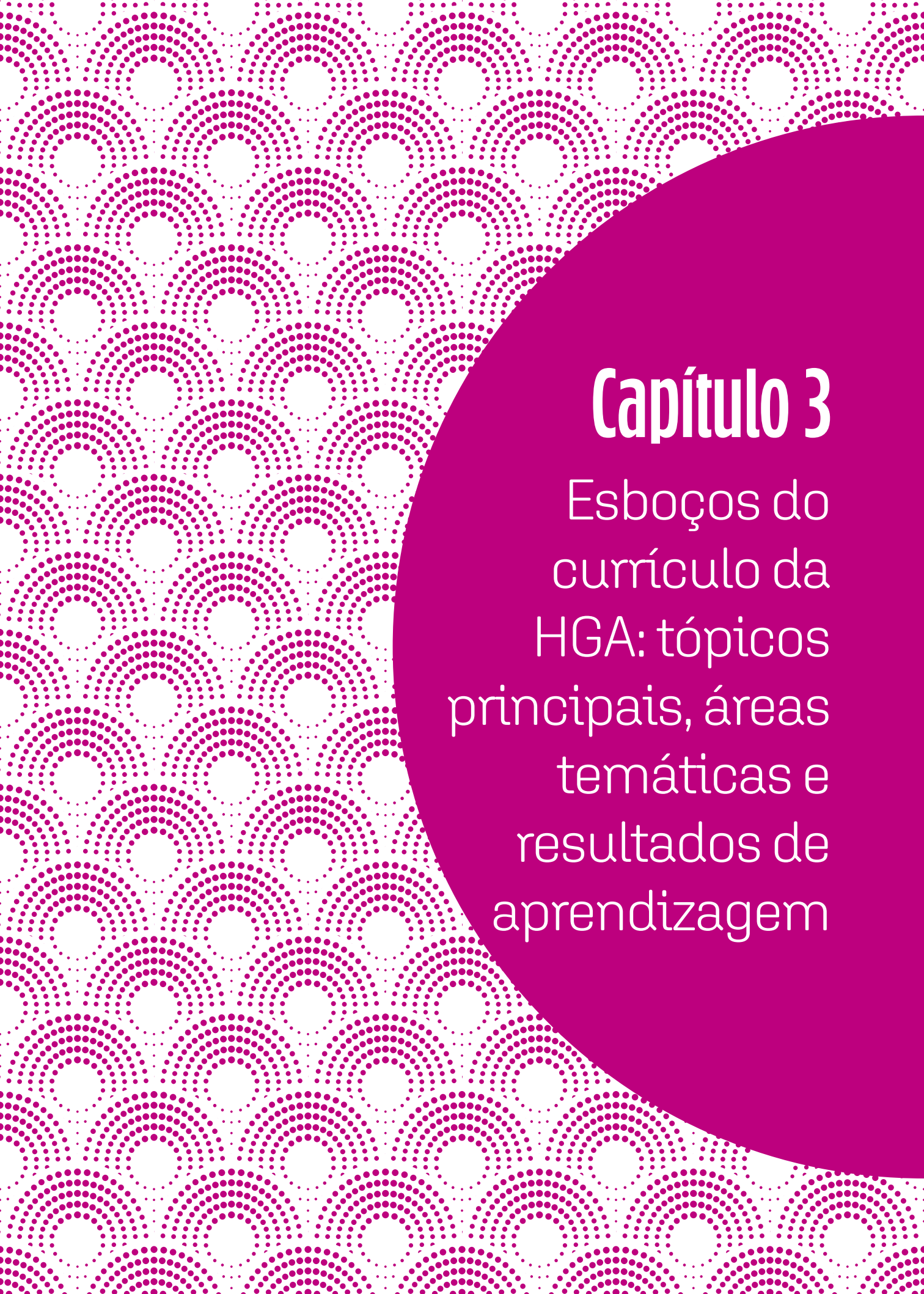
O **Botsuana** revisou recentemente seus programas de História para o segundo nível da educação secundária, com mudanças implementadas a partir de fevereiro de 2024. As revisões incluíram a incorporação da educação para a cidadania global (ECG) e da história da libertação da África Austral, proporcionando uma visão abrangente e integrada da história nacional e regional, em consonância com a visão da HGA. Estes são os principais aspectos da revisão do currículo de história de Botsuana:

- **centrado em Botsuana:** o novo currículo de história de Botsuana pretende ser restaurativo, visto que a história nacional anteriormente representava apenas 14% do conteúdo histórico prescrito;
- **temático:** o currículo de História é estruturado em torno de cinco módulos temáticos, destacando tópicos essenciais, como a herança de libertação da África Austral e a cidadania global, além de uma abordagem nacional;
- **destaque do papel das mulheres e dos jovens:** o currículo de História dá atenção especial ao papel das mulheres e dos jovens na história da libertação da África Austral, garantindo uma narrativa mais inclusiva no ensino da HGA, voltada para alcançar coesão social, coexistência pacífica e integração regional;
- **aprendizagem baseada em projetos:** o currículo incentiva o trabalho de projeto em torno de movimentos de libertação nacional, enfatizando suas conexões regionais e globais;
- **baseado em resultados, centrado no estudante e transformador:** o currículo concentra-se de forma mais ampla em habilidades de colaboração, comunicação e pensamento crítico. Visa envolver os estudantes ativamente em seu processo de aprendizagem, promovendo a cocriação de conhecimento entre professores e estudantes, além de fomentar pensamento crítico e resolução de problemas, coerentes com a visão da HGA.

A **Serra Leoa** recentemente reformou seu curriculum de História, com maior ênfase na história africana. O novo currículo substitui a história da África Ocidental pela história da África no segundo nível da educação secundária—o único nível em que História é oferecida como uma disciplina distinta. Os conteúdos da HGA são sistematicamente integrados ao programa ao longo dos três anos do segundo nível da educação secundária, embasados em metodologias de ensino que promovem o pensamento crítico e criativo. A justificativa para a inclusão da história africana no currículo do segundo nível da educação secundária refere-se explicitamente à UNESCO e à sua visão para o ensino da história africana, conforme explicitado nesta ferramenta curricular. Os resultados gerais de aprendizagem e os tópicos propostos no currículo estão intimamente alinhados aos sugeridos no Capítulo 3 deste documento, extraídos dos volumes da HGA e dos materiais pedagógicos produzidos no âmbito do *Uso Pedagógico da História Geral da África* e em conformidade com os compromissos da UA.

Com base nesta visão geral de possíveis abordagens para integrar a HGA no currículo, o Capítulo 3 apresenta esboços curriculares que ilustram como a HGA pode ser integrada não apenas ao currículo de História, mas também a outras áreas, como Ciências Sociais, Geografia e Estudos Religiosos, entre outras. Além disso, fornece orientações sobre a vinculação da HGA a temas como paz, direitos humanos e desenvolvimento sustentável, fortalecendo competências cognitivas, socioemocionais e comportamentais que podem facilitar uma transformação pessoal e social positiva por meio da HGA.





Capítulo 3

Esboços do
currículo da
HGA: tópicos
principais, áreas
temáticas e
resultados de
aprendizagem

Principais resultados de aprendizagem

Os principais resultados de aprendizagem propostos pelo currículo da HGA abrangem todos os domínios da aprendizagem, reconhecendo que a educação é um processo integral que envolve dimensões e experiências cognitivas, socioemocionais e comportamentais. Esses resultados são projetados para serem interconectados, refletindo a natureza complexa, contextual e incorporada da aprendizagem. Eles concentram-se em duas dimensões que estão inextricavelmente interconectadas.

A dimensão cognitiva

Promove a aprendizagem informada e crítica, garantindo que os estudantes adquiram conhecimento, compreensão e habilidades para o pensamento e a análise autônomos e críticos. Ao aprender sobre e por meio da HGA, espera-se que os estudantes compreendam e envolvam-se com a história da África e dos povos africanos, suas fontes, sua rica e diversa herança histórica e viva compartilhada, bem como com as principais ideias, conceitos e filosofias africanas que moldaram a história e o pensamento atual e têm o potencial de influenciar o futuro da África. Os principais resultados de aprendizagem sugeridos incluem a demonstração da capacidade dos estudantes de analisar criticamente:

- **a evolução das sociedades africanas ao longo do tempo e do espaço, inclusive como resultado do colonialismo e do *apartheid*, e o impacto dessas mudanças no presente e no futuro;**
- **as interações históricas da África e dos povos africanos, sua interconexão local, regional e global, e seu lugar, papel e contribuição para a história da humanidade;**
- **os desafios atuais e o potencial da África e dos povos africanos, considerando perspectivas locais, regionais e globais.**

Ao envolver os estudantes em tais análises críticas, os principais resultados de aprendizagem cognitiva sugerem incluir também uma demonstração da capacidade dos estudantes de **desconstruir e desafiar as visões estereotipadas e as representações errôneas da África e de seu povo** que alimentaram o racismo em suas diferentes formas.

As dimensões socioemocional, espiritual e comportamental

Visa nutrir a conexão social e o respeito pela diversidade, responsabilidade ética e engajamento. Ao aprender sobre e por meio da HGA, espera-se que os estudantes desenvolvam valores, atitudes e habilidades necessárias para lidar com experiências emocionais pessoais e coletivas, promovendo empatia, solidariedade e respeito pelas diferenças e diversidade, e rejeitando ativamente o racismo e todas as formas de discriminação. Os principais resultados de aprendizagem socioemocional e comportamental sugeridos concentram-se em dois aspectos:

- **construção de um senso de comunidade fundamentado em história e herança próprias e interconectadas, desenvolvendo concomitantemente o enraizamento local, incluindo conexões significativas com a terra e a natureza, e uma consciência de humanidade compartilhada;**
- **preparação de estudantes para utilizar a história com o propósito de (re)imaginar e mobilizar, individual e coletivamente, em âmbito local, nacional, regional e global, a fim de criar e contribuir para futuros mais pacíficos, justos e sustentáveis.**

Esses resultados de aprendizagem sugeridos, abrangendo as dimensões cognitiva, socioemocional e comportamental, destinam-se a servir como guias gerais para uma compreensão ampla da aprendizagem. Eles permitem amplas oportunidades de contextualização e localização por parte dos atores da educação em etapas relevantes do processo de planejamento, desde a concepção do currículo até a elaboração da programação, o planejamento e o desenvolvimento das aulas. Cada Unidade de Aprendizagem descrita abaixo inclui exemplos de resultados de aprendizagem mais específicos, que visam estruturar e aprofundar a aprendizagem dos estudantes, contribuindo para a realização dos principais resultados de aprendizagem sugeridos. Os atores da educação podem refiná-los ainda mais, ajustando-os às necessidades e prioridades específicas de ensino e aprendizagem de cada contexto educacional singular.

As partes interessadas locais – especialmente professores e outros educadores – desempenharão um papel central na tradução desses resultados gerais em objetivos de aprendizagem concretos e avaliáveis. Os professores devem dispor de autonomia e flexibilidade para contextualizar e aplicar os resultados de aprendizagem de forma prática e eficaz em seus próprios ambientes e de ensino e aprendizagem. O *Guia Pedagógico para Professores e Educadores*, a ser publicado, que acompanha esta ferramenta, fornecerá sugestões, exemplos e recursos detalhados para inspirar e apoiar os educadores nesse processo.

O Guia Pedagógico para Professores e Educadores

O *Guia Pedagógico para Professores e Educadores*, desenvolvido para acompanhar a ferramenta *A via curricular*, fornece recursos e apresenta uma série de abordagens e estratégias pedagógicas concretas que podem apoiar a implementação de princípios pedagógicos transformadores decoloniais em diversos ambientes de aprendizagem, bem como em todos os tópicos e resultados detalhados na via curricular. O Guia oferece orientações práticas e concretas sobre maneiras de projetar e alcançar resultados de aprendizagem contextualizados por meio de experiências de aprendizagem vivenciais, situadas, multimodais, culturalmente autoafirmativas, pluralistas e integrais. Para atingir esse objetivo, o Guia apresenta opções de aprendizagem e avaliação que incentivam os educadores a criar formas inovadoras de ensino e aprendizagem, alinhadas a uma visão transformadora e decolonial da educação. O Guia dá ênfase especial aos seguintes aspectos:

- abordagens multimodais;
- abordagens multi, inter e transdisciplinares;
- abordagens históricas comparativas, globais e interconectadas/emaranhadas;
- abordagens desconstrutivas e valorização de fontes não escritas, com ênfase particular em:
 - arqueologia crítica e decolonial,
 - fontes orais, narrativa e contranarrativa,
 - línguas e linguística,
- abordagens baseadas no patrimônio;
- abordagens comunitárias e territoriais;
- abordagens dialógicas e multiperspectivas, com foco em:
 - abordagens inclusivas de gênero,
 - abordagens inclusivas de pessoas com deficiência.

Unidades de aprendizagem da HGA e resultados de aprendizagem específicos

Esta seção apresenta esboços curriculares baseados diretamente nos volumes da HGA, oferecendo perspectivas renovadas e mais amplas sobre a história da África, suas diásporas e suas contribuições para a humanidade. Os esboços sugerem nove unidades temáticas de aprendizagem (UA), organizadas cronologicamente desde as origens da humanidade e das civilizações até a história mais recente da África, destacando também o papel das diásporas africanas de acordo com a noção de África Global.

- **UA 1:** África, as origens da humanidade e das civilizações
- **UA 2:** Civilizações e culturas da África Antiga
- **UA 3:** Estados, reinos e impérios
- **UA 4:** Escravização e resistência
- **UA 5:** Dinâmicas internas do século XVII ao XIX
- **UA 6:** Colonização e movimentos de resistência e libertação
- **UA 7:** Surgimento de novos estados e construção da União Africana
- **UA 8:** Desafios e perspectivas atuais para a África
- **UA 9:** Diásporas africanas

Juntas, essas unidades têm como objetivo promover uma ampla compreensão da história e das experiências africanas, da herança compartilhada e diversa do continente, dos laços com suas diásporas e de suas conexões e interações internas e externas, desafiando explicitamente os preconceitos coloniais e eurocêntricos.

Para cada Unidade de Aprendizagem, os esboços curriculares apresentam tópicos e subtópicos selecionados e sugerem exemplos de resultados cognitivos, sociais e emocionais específicos, seguindo uma abordagem curricular em espiral. Essa abordagem prevê a revisitação de conceitos e tópicos-chave com complexidade crescente à medida que o processo de aprendizagem avança, passando de compreensão, análise e aplicação básicas para níveis mais sofisticados. Nos anos iniciais, a ênfase está no desenvolvimento de reflexões e compreensões históricas fundamentais, com o objetivo de despertar a curiosidade e o interesse pela história africana nas crianças, centrando-se em suas próprias experiências e ambientes. Nos anos finais, os estudantes são incentivados a explorar debates historiográficos, realizar exames comparativos, analisar fontes mais complexas e desenvolver argumentações críticas sobre a história e a herança africanas.

Os esboços também sugerem pontos de entrada para temas transversais relacionados com o conhecimento local e endógeno africano, o patrimônio cultural imaterial¹⁴ africano, paz, direitos humanos e sustentabilidade. São indicadas ainda possíveis conexões trans e interdisciplinares, com o objetivo de ampliar o estudo da HGA além da disciplina de História, sendo esta a via mais direta de integração do conteúdo. A aplicação dessas unidades e tópicos dependerá do contexto específico de implementação, considerando se determinadas unidades e tópicos podem justificar um tratamento mais ou menos extensivo em disciplinas específicas ou se são mais adequados como temas transcurriculares.

14. What is Intangible Cultural Heritage? UNESCO, <https://ich.unesco.org/en/what-is-intangible-heritage-00003>

“

Juntas, essas unidades têm como objetivo promover uma ampla compreensão da história e das experiências africanas.

”

Integrar a HGA por meio do patrimônio cultural imaterial

O currículo reconhece o patrimônio cultural imaterial, ou patrimônio vivo, como um facilitador da visão transformadora decolonial da educação que fundamenta a iniciativa da HGA, incluindo a promoção da paz, dos direitos humanos e da sustentabilidade. Com base nessa premissa, são sugeridas formas de incorporar explicitamente o patrimônio vivo ao estudo da história da África e dos povos afrodescendentes, por meio de tópicos, resultados de aprendizagem e metodologias selecionadas.

Trazer o patrimônio cultural, especialmente o patrimônio vivo, para o primeiro plano é um elemento central de qualquer integração significativa da HGA nos currículos e nos sistemas educacionais em geral. Idealmente, a integração da HGA de caminhar de mãos dadas com a integração do patrimônio cultural/vivo.

“O Patrimônio Cultural Imaterial – ou ‘patrimônio vivo’ – é herdado de nossos ancestrais e transmitido aos nossos descendentes. Inclui tradições orais, artes cênicas, práticas sociais, rituais e eventos festivos, conhecimentos e práticas relativos ao cosmos, bem como habilidades relacionadas ao artesanato. É continuamente recriado à medida que é transmitido de geração em geração e evolui em resposta ao nosso ambiente.”

A incorporação do Patrimônio Cultural Imaterial (PCI) em atividades de aprendizagem aumenta a relevância educacional e o potencial de engajamento emocional dos estudantes. Promove o orgulho e o senso de pertencimento, além de contribuir para objetivos educacionais humanísticos, como a valorização da diversidade cultural e o fortalecimento da resiliência frente a adversidades. Além disso, o PCI fortalece as conexões entre as escolas e suas comunidades locais, ajudando a salvaguardar o patrimônio. Experiências registradas de integração do PCI na educação mostram que é possível aprender História por meio da poesia, Ciências usando instrumentos musicais, Matemática por meio do bordado, entre outras abordagens criativas. Um exemplo concreto é a experiência de Uganda, que implementou clubes de educação patrimonial em escolas, incluindo exposições e apresentações culturais em eventos escolares, e incentivou o engajamento de estudantes e professores no registro comunitário de narrativas locais.

UA 1. África, as origens da humanidade e das civilizações

A Unidade de Aprendizagem I tem como objetivo capacitar os estudantes a compreender a relação das sociedades africanas com seu passado, a reconhecer e analisar fontes e métodos da história africana e a valorizar evidências de que a África é o berço da humanidade e o principal local do processo de hominização e do surgimento das primeiras civilizações humanas. Esta Unidade apresenta aos estudantes o estudo da história africana, valorizando, entre outros aspectos, fontes orais e arqueologia. Em seguida, aborda os primeiros humanos e a história inicial da África em suas diversas regiões, descrevendo o processo de antropogênese no continente os estágios de colonização africana e as regiões onde se iniciaram as migrações humanas que povoaram o continente e o resto do mundo há aproximadamente 1,8 milhão de anos. Além disso a unidade explora os diferentes fósseis descobertos no continente e as inovações técnicas emergentes nesse período inicial, incluindo a evolução das tecnologias de pedra, as primeiras expressões artísticas e a domesticação de plantas e animais.

Subtema/ unidade/tópico/ vertente	Resultados de aprendizagem específicos		
	Ao final do subtema/unidade/tópico/vertente, o estudante deverá ser capaz de		
	Educação primária	Primeiro nível da educação secundária	Segundo nível da educação secundária
1. Introdução a África e suas fontes e métodos históricos	- Localizar a África e os países africanos no mapa-múndi - Listar vários métodos para encontrar informações sobre o passado da África	- Definir tempo e história - Descrever como podemos encontrar informações sobre o passado da África - Pesquisar diferentes fontes da história africana	- Formular quadros cronológicos na história africana à luz de debates historiográficos relacionados - Comparar fontes e métodos da história africana - Analisar artefatos da história inicial, fósseis e arte rupestre na África
2. O surgimento da humanidade na África	Coletar e narrar histórias e mitos locais sobre as origens da humanidade	- Identificar e avaliar fontes históricas sobre as origens da humanidade - Comparar histórias e mitos sobre as origens da humanidade contados em suas próprias comunidades e em outras comunidades - Explicar as origens da humanidade - Retraçar o processo de povoamento do mundo a partir da África por meio das migrações	- Distinguir entre registros arqueológicos e paleontológicos usados no estudo das origens humanas - Ilustrar os vários estágios da evolução humana - Explicar as origens africanas da humanidade e das primeiras civilizações, incluindo a evolução das primeiras sociedades africanas e o processo de povoamento do mundo a partir da África (com base na análise crítica e avaliação de diferentes fontes e hipóteses sobre o tema)

3. Primeiras sociedades	• Demonstrar o modo de vida dos primeiros humanos como caçadores e coletores • Criar modelos de ferramentas utilizadas pelas primeiras sociedades africanas	• Examinar a evolução das primeiras sociedades africanas • Descrever o processo de domesticação de plantas e animais na África e seu impacto no meio ambiente e no clima • Descrever a evolução das principais formas de expressão artística e identificar seus locais	• Explicar as mudanças (nas capacidades técnicas, atividades econômicas, expressões artísticas e estilos de vida) que marcaram a revolução neolítica • Analisar métodos usados para preservar a cultura material dos primeiros humanos
Exemplos de atitudes sociais, emocionais e comportamentais vinculadas aos resultados da aprendizagem	• Demonstrar curiosidade sobre a história inicial da África • Valorizar a África como o berço da humanidade • Demonstrar questionamento baseado em evidências e rejeição a mitos e estereótipos sobre a África, os africanos e sua história • Valorizar os sistemas de conhecimento endógeno africano • Respeitar e valorizar a diversidade humana e cultural		
Exemplos de relações interdisciplinares e transdisciplinares	Ciências Sociais: estilos de vida antigos	Biologia: origens humanas e evolução da humanidade Ensino Religioso: origens humanas e evolução da humanidade Geografia: assentamento humano e migração; domesticação de plantas e animais Agricultura: domesticação de plantas e animais Assuntos Técnicos: inovações tecnológicas Educação Artística: artes e ofícios entre as primeiras sociedades humanas	
Temas ligados à paz, aos direitos humanos e ao desenvolvimento sustentável	• Estilos de vida/meios de subsistência sustentáveis • Ecossistemas, diversidade ecológica e biológica • Conhecimento endógeno/patrimônio vivo (como facilitador de todos os outros temas mencionados)		

UA 2. Civilizações e culturas da África Antiga

A Unidade de Aprendizagem 2 dá continuidade ao estudo da história inicial da África, com foco nas inovações que transformaram as sociedades do continente nesse período, como o desenvolvimento das formas de organização social, das técnicas agrícolas, das expressões artísticas e da metalurgia. Esta Unidade apresenta aos estudantes o desenvolvimento de civilizações e culturas da África Antiga (suas localizações, economia, habilidades técnicas e artesanato, alimentação, vestuário, costumes, estilos de vida e espiritualidade). Os estudantes são orientados a identificar, localizar e caracterizar civilizações africanas antigas e a compreender a transição das sociedades humanas da caça e coleta para a agricultura (conhecida como Revolução Neolítica) e para as eras dos metais. Também são estudados os movimentos populacionais que marcaram profundamente a história do continente ao longo dos séculos, particularmente a expansão bantu de longa duração no sul, iniciado no primeiro milênio antes da Era Comum., e a expansão árabe a partir do século VII.

Subtema/unidade/ tópico/vertente	Resultados de aprendizagem específicos		
	Ao final do subtema/unidade/tópico/vertente, o estudante deverá ser capaz de		
	Educação primária	Primeiro nível da educação secundária	Segundo nível da educação secundária
1. Os primeiros grupos agrícolas e a vida nas aldeias na África	- Localizar, no tempo e no espaço, civilizações e culturas africanas antigas selecionadas - Caracterizar civilizações e culturas africanas antigas quanto à vida cotidiana (moradia, alimentação, vestuário) e à vida social e cultural (vida familiar, dinâmicas de gênero, lugar das crianças, arte, espiritualidade, religião, esportes) - Descrever os modos de vida das primeiras sociedades africanas	- Definir comunidade, cultura, civilização - Identificar fontes históricas e evidências sobre civilizações e culturas africanas antigas - Descrever e explicar a formação e a evolução das primeiras comunidades agrícolas na África e sua organização socioeconômica	- Explicar os conceitos de comunidade, cultura e civilização - Avaliar fontes históricas e evidências sobre civilizações e culturas africanas antigas - Comparar os processos de formação das primeiras comunidades agrícolas, bem como sua organização e evolução socioeconômica, em diferentes regiões da África
2. As primeiras comunidades pastoris e agropastoris na África (por exemplo, Saara Oriental e Vale do Nilo, Saara Central e Ocidental, regiões mediterrâneas do Norte de África, África Ocidental, África Oriental e Meridional)	Identificar as primeiras comunidades pastoris e agropastoris na África	- Descrever e analisar a formação das primeiras sociedades pastoris e agropastoris, e a evolução de seus modos de vida - Descrever e explicar a transformação decorrentes da adoção da agricultura e da pecuária	Analisar o processo de formação das primeiras sociedades pastoris e agropastoris e a evolução de seus modos de vida em diferentes regiões da África

3. Metalurgia antiga na África (por exemplo, Norte da África; Saara, África Ocidental e África Central; região dos Grandes Lagos, África Oriental e África Austral)	• Identificar os principais ambientes históricos construídos na África	• Identificar as origens, os fatores e os agentes envolvidos no desenvolvimento e na disseminação da metalurgia na África • Explicar como o ferro e o cobre eram usados na África • Analisar as razões e os desafios relacionados à invenção e adoção de novas tecnologias, bem como suas consequências	• Comparar inovações tecnológicas, mobilidade populacional e seus impactos em diferentes regiões da África
4. Novas migrações e estabelecimento de diversas sociedades pré-estatais na África (por exemplo, as expansões bantu, berbere e árabe, e a difusão do islamismo)		• Descrever e explicar o processo de estabelecimento da diversidade econômica e política nas sociedades pré-estatais e estatais (incluindo comércio e urbanização)	• Avaliar diferentes fontes e teorias (por exemplo, difusionismo) para construir argumentos que atestem as origens africanas da metalurgia • Analisar o processo de formação da diversidade econômica e política nas sociedades pré-estatais • Demonstrar, com base em evidências, o caráter endógeno da civilização africana • Rastrear relações históricas entre comunidades examinando semelhanças e diferenças em suas práticas culturais e línguas • Analisar práticas tradicionais e sua permanência na atualidade, por exemplo, em saúde e medicina, culinária, governança e liderança • Participar da gestão e da conservação do patrimônio cultural material e imaterial da localidade

Exemplos de atitudes sociais, emocionais e comportamentais vinculadas aos resultados da aprendizagem	• Reconhecer que identidades, espiritualidades, emoções, pensamentos, valores e comportamentos são moldados e influenciados pelo passado • Apreciar contribuições da África para a civilização e o desenvolvimento humano • Demonstrar apreço pela diversidade cultural e compreensão intercultural • Valorizar diferentes formas de conhecimento, existência, modos de expressão, meios de subsistência e organização social das culturas africanas passadas e presentes • Identificar demandas e oportunidades situacionais das comunidades, sociedades e culturas agrícolas e pastoris do passado em relação ao presente • Demonstrar empatia sobre como a geografia e os fatores sociais/sistêmicos influenciam a migração • Apreciar as culturas tangíveis e intangíveis africanas e sua relevância hoje • Adotar práticas tradicionais eficazes de relacionamento com o cosmos, a natureza e o meio ambiente de forma sustentável	
Exemplos de relações interdisciplinares e transdisciplinares	Estudos Sociais/Artes/Música/Espportes • Vida social e cultural na África Antiga	Geografia/Ciências/Estudos Sociais/Educação para a Cidadania/Filosofia • O papel dos desertos e dos rios no surgimento das civilizações e trocas africanas • Causas e consequências das mudanças ambientais na África Antiga • Inovações tecnológicas e mobilidade populacional e suas consequências na África Antiga • Dinâmica organizacional do espaço vital e meios de prevenção, gestão e resolução de conflitos em sociedades africanas pré-estatais e estatais • Elementos do patrimônio vivo na África que contribuem para a paz e a sustentabilidade • Mitos e textos filosóficos sobre Cosmologia, Epistemologia, Ciência Política e estética de tradições intelectuais antigas e contemporâneas na África • Desenho, rotulagem e interpretação de mapas
Temas ligados à paz, aos direitos humanos e ao desenvolvimento sustentável	• Diversidade cultural e compreensão intercultural • Redução de riscos de desastres, mudanças climáticas, ecossistemas, diversidade ecológica e biológica • Redução da pobreza e comércio ético • Segurança alimentar • Igualdade de gênero, direitos humanos, cidadania, democracia, governança • Saúde e bem-estar • Estilos de vida sustentáveis e consumo consciente • Paz e segurança humana; resolução de conflitos • Vileiros africanos e herança africana • Ruralidade • Urbanização sustentável • Conhecimento endógeno/patrimônio vivo (como facilitador de todos os outros temas mencionados)	

UA 3. Estados, reinos e impérios africanos

A Unidade de Aprendizagem 3 dá continuidade ao estudo das civilizações africanas em todo o continente, desde o Egito e a Núbia até a Costa do Oceano Índico, o Grande Zimbábue e o Império do Mali, com foco no período entre 3000 a.C. e 1500 d.C. . A Unidade investiga algumas das organizações e dos sistemas sociopolíticos que surgiram em todo o continente africano, resultantes da evolução de diferentes sociedades baseadas em linhagens para diversas estruturas estatais. Os estudantes são apresentados à formação e ao desenvolvimento político, econômico e social de estados, reinos e impérios selecionados que surgiram no Norte, Oeste, Leste, Sul e Centro da África. A Unidade incentiva uma análise crítica e comparativa da diversidade de sistemas políticos e da dinâmica das organizações sociais e econômicas que caracterizaram essas entidades. Por meio dessa abordagem, busca-se compreender como as instituições e as entidades políticas são formadas, mantidas e transformadas, e o desenvolvimento histórico de formas de poder, autoridade e governança. A unidade também destaca os processos de urbanização, as práticas e inovações técnicas e culturais, a integração em circuitos comerciais e as relações e as interações regionais que caracterizaram essas entidades e sociedades.

Subtema/ unidade/ tópico/vertente	Resultados de aprendizagem específicos		
	Ao final do subtema/unidade/tópico/vertente, o estudante deverá ser capaz de		
	Educação primária	Primeiro nível da educação secundária	Segundo nível da educação secundária
1. No nordeste e norte da África, por exemplo, o Egito pré-dinástico e faraônico; o reino de Kerma e os estados núbios de Kush e Meroe; o reino de D'iamat e os principados independentes da Etiópia (Aksum); o reino berbere)	- Identificar reinos e impérios antigos selecionados em um mapa da África - Descrever a criação de reinos e impérios antigos selecionados na África - Ilustrar as principais conquistas e desafios de reinos e impérios antigos selecionados	- Descrever a formação e a organização sociopolítica, econômica, tecnológica e cultural de reinos, estados e impérios antigos selecionados em toda a África - Rastrear a evolução histórica de reinos e impérios antigos selecionados em toda a África	- Rastrear as origens e a localização dos antigos reinos e impérios africanos no tempo e no espaço - Comparar e contrastar fontes históricas relevantes para este período - Analisar a formação, a evolução e a organização de entidades políticas em toda a África - Comparar diferentes sistemas políticos e dinâmicas de organizações sociais e econômicas na África
2. Na África Ocidental (por exemplo, chefias na Mauritânia, Takrur, reino de Gana, império do Mali, império Songai, império de Kanem-Borno)	- Descrever aspectos da vida cultural (por exemplo, línguas, religiões, patrimônio vivo) de reinos, estados e impérios antigos selecionados na África - Identificar canais de comércio dentro e entre reinos e impérios africanos antigos selecionados	- Analisar as principais conquistas e desafios de reinos e impérios antigos selecionados - Descrever práticas técnicas e culturais selecionadas, inovações e tradições (por exemplo, religião, arquitetura) - Descrever e explicar os processos de urbanização e o papel das mudanças ambientais	- Avaliar e comparar as principais conquistas e desafios dos antigos reinos e impérios - Analisar relações, trocas e influências mútuas entre diferentes entidades políticas, bem como influências externas ao continente e suas consequências

3. Na África Oriental/costa do Oceano Índico (por exemplo, cidades-estado swahili) 4. Na África Austral (por exemplo, os reinos da Baía do Zambeze, o reino de Mapungubwe, o reino do Grande Zimbábue) 5. Na África Central (por exemplo, os reinos Tio, Kongo e Loango, os reinos dos Grandes Lagos)		• Analisar relações externas/regionais • Rastrear e descrever canais de comércio dentro e entre antigos reinos e impérios africanos • Avaliar o impacto da cristianização e da islamização nas sociedades africanas • Avaliar a importância duradoura das religiões endógenas na vida sociocultural dos africanos • Explicar o significado e o valor do patrimônio vivo nas sociedades africanas (por exemplo, inovações culturais, formas de organização) • Avaliar até que ponto os impérios africanos foram exemplos de integração bem-sucedida em sua época	• Comparar as políticas e as práticas da época com as práticas contemporâneas • Explicar a formação e a ampliação/consolidação de estados e reinos multiétnicos em toda a África e os desafios que enfrentaram • Avaliar o papel do comércio de longa distância e do tráfico de pessoas escravizadas nos novos estados • Analisar o contexto histórico em que o cristianismo e o islamismo surgiram na África e os meios pelos quais se espalharam • Examinar as expressões culturais, incluindo o sincretismo, e situar-se em relação a elas
Exemplos de atitudes sociais, emocionais e comportamentais vinculadas aos resultados da aprendizagem	• Demonstrar apreço pela diversidade cultural e compreensão intercultural • Desenvolver curiosidade sobre as primeiras formas de organização social e política da África • Demonstrar rejeição a mitos e estereótipos sobre a África e os africanos • Reconhecer o papel da cultura e do patrimônio vivo nos primeiros sistemas políticos da África		

Exemplos de relações interdisciplinares e transdisciplinares	Ciências Sociais/ Artes: estilos de vida, cultura, artes e ofícios em estados, reinos e impérios africanos Geografia: canais de negociação	Ciências Sociais/Educação para a Cidadania: sistemas e organizações sociopolíticas e relações externas, como paz e conflito Geografia: vilarejos, ruralidade, urbanização, comércio e mudança ambiental Economia: modelos de produção Ciências/disciplinas técnicas: inovações tecnológicas Artes: artes, ofícios e arquitetura Ensino Religioso: práticas religiosas (endógenas), propagação do cristianismo e do islamismo
Temas ligados à paz, aos direitos humanos e ao desenvolvimento sustentável	• Diversidade cultural e compreensão intercultural • Redução de riscos de desastres, mudanças climáticas, ecossistemas, diversidade ecológica e biológica • Redução da pobreza e comércio ético • Igualdade de gênero, direitos humanos, cidadania, democracia, governança • Estilos de vida e meios de subsistência sustentáveis • Paz/coexistência pacífica e segurança humana; prevenção, gestão e resolução de conflitos • Urbanização sustentável • Ruralidade • Segurança alimentar • Conhecimento endógeno/patrimônio vivo (como facilitador de todos os outros temas mencionados)	

UA 4. Escravização e resistências

A Unidade de Aprendizagem 4 apresenta a os estudantes a história da escravização e do tráfico de pessoas escravizadas, reconhecidos como crimes contra a humanidade. Ela incentiva os estudantes a identificar e avaliar registros históricos sobre a escravização e os diferentes tráficos que afetaram populações africanas (transaarianas, indo-oceânicas e especialmente transatlânticas), analisando suas causas, formas, mecanismos, atores e múltiplos impactos, diretos e duradouros, desses fenômenos sobre pessoas (incluindo mulheres e crianças), comunidades e a humanidade de modo geral (como impactos demográficos, econômicos, sociais, políticos, culturais e ambientais). A unidade também apresenta aos estudantes as diversas formas de resistência realizadas tanto dentro quanto fora do continente africano, que acabaram contribuindo para a proibição do tráfico de pessoas na África e para os diferentes processos de abolição entre o final do século XVIII e o final do século XIX. Além disso, incentiva a reflexão sobre questões relacionadas ao patrimônio e à memória. O objetivo da unidade é inspirar os estudantes a encontrar força e resiliência nas lutas históricas, cultivando empatia e um compromisso coletivo para combater formas modernas de escravização e outras injustiças no mundo atual.

Subtema/ unidade/ tópico/vertente	Resultados de aprendizagem específicos		
	Ao final do subtema/unidade/tópico/vertente, o estudante deverá ser capaz de		
	Educação primária	Primeiro nível da educação secundária	Segundo nível da educação secundária
Escravização e tráfico de escravizados (por exemplo, tráfico transaariano, indo-oceânico e transatlântico) 1. O tráfico de pessoas escravizadas no Transatlântico	- Definir escravização - Explicar o significado do trabalho infantil como uma forma de <i>escravização moderna</i> - Identificar formas de trabalho infantil - Descrever os efeitos do trabalho infantil no bem-estar pessoal e social - Descrever a jornada e as condições de vida de homens, mulheres e crianças escravizadas durante o tráfico de seres humanos na África	- Identificar fontes e evidências sobre a história do tráfico de pessoas na África, escravização e movimentos abolicionistas - Definir cativeiro, dependência, servidão, escravização, tráfico de pessoas escravizadas e crimes contra a humanidade relacionados à escravização e ao tráfico de pessoas escravizadas - Ilustrar, em um mapa-mundi, as rotas dos tráficos transaariano, indo-oceânico e transatlântico de pessoas escravizadas - Descrever a organização dos tráficos transaariano, indo-oceânico e transatlântico de pessoas escravizadas, identificando atores, agências e mecanismos envolvidos	- Analisar fontes e evidências sobre a história do tráfico de pessoas na África, a escravização e os movimentos abolicionistas - Rastrear a evolução do conceito, dos contextos e das condições da escravização - Analisar as dimensões econômicas e políticas da escravização histórica e moderna, incluindo o papel dos modelos de produção e consumo - Avaliar o impacto social, econômico, político e ambiental da escravização e do tráfico de pessoas escravizadas

1. O tráfico de pessoas escravizadas no Transatlântico		• Analisar as causas e as consequências da escravização e dos negócios relacionados para as comunidades locais e para a vida das pessoas em regiões selecionadas da África	
2. Movimentos de resistência (em solo africano; no Caribe/Américas)	• Narrar histórias de fuga e resistência	• Descrever formas de resistência, bem como de colaboração, à escravização e ao tráfico de pessoas escravizadas na África e no Caribe/Américas, incluindo suas expressões culturais	• Comparar formas de resistência à escravização e ao tráfico de pessoas escravizadas na África e no Caribe/Américas, bem como suas expressões culturais
3. Proibição do tráfico de pessoas escravizadas e abolição da escravização	• Identificar os principais desenvolvimentos que levaram à abolição	• Identificar e avaliar os principais fatores que levaram à proibição do tráfico de pessoas escravizadas e à abolição da escravatura na África e no mundo	• Rastrear o processo histórico que levou à proibição do tráfico de pessoas escravizadas e à abolição da escravatura • Explicar os debates historiográficos sobre as causas da abolição e o papel desempenhado pelos diferentes atores
4. Legado e patrimônio	• Ilustrar maneiras de combater a escravização e o tráfico de seres humanos na sociedade	• Localizar locais históricos ligados à escravização e ao tráfico de pessoas escravizadas em seu próprio país e em outros lugares • Identificar as formas pelas quais a escravização e o tráfico de pessoas escravizadas são lembrados em seu próprio país e globalmente	• Analisar a relação entre a repressão à escravatura e à colonização da África no século XIX • Analisar as transformações globais e as interações culturais resultantes dessa história e suas marcas nas sociedades atuais, incluindo o sincretismo religioso e cultural • Analisar as práticas memoriais atuais e os debates sobre a escravização passada e as reparações

		• Descrever aspectos da memorialização da diáspora relacionados à escravização destacando conexões com comemorações africanas, eventos especiais e homenagens, como o Mês da História Negra • Identificar e aplicar estratégias e medidas para resistir a todas as formas de escravização
Exemplos de atitudes sociais, emocionais e comportamentais vinculadas aos resultados de aprendizagem	• Identificar e gerenciar emoções desencadeadas pela história da escravização e do tráfico de pessoas escravizadas • Demonstrar empatia pelas vítimas da escravização e do tráfico de seres humanos • Valorizar os esforços dos abolicionistas e a resiliência e resistência dos povos escravizados • Reconhecer a escravização e o tráfico de seres humanos como violações dos direitos humanos e crimes contra a humanidade • Rejeitar todas as formas de escravização e tráfico de seres humanos, e valorização dos direitos humanos (valores de liberdade, igualdade, justiça etc.) • Demonstrar apreço e participar de datas de lembrança relacionadas a o tráfico de pessoas e da abolição da escravatura • Valorizar o patrimônio vivo como instrumento para fortalecer a resiliência e o senso de identidade nas sociedades africanas e comunidades afrodescendentes • Demonstrar empatia e compreensão em relação às experiências de escravização e tráfico de pessoas, reconhecendo seus efeitos duradouros nas sociedades • Mobilizar e agir em solidariedade com todas as vítimas do trabalho infantil e de todas as formas de servidão e que desejam viver em um mundo livre e justo • Participar ativamente da resistência a todas as formas de escravização, aplicando valores, atitudes positivas e princípios de democracia, governança e direitos humanos, promovendo a responsabilidade social mútua	
Exemplos de relações interdisciplinares e transdisciplinares	Ciências Sociais/Educação para a Cidadania: direitos humanos	Ciências Sociais/Educação para a Cidadania: tráfico de pessoas, direitos humanos Geografia: migração, demografia
Temas ligados à paz, aos direitos humanos e ao desenvolvimento sustentável	• Diversidade cultural e compreensão intercultural, e patrimônio vivo como facilitador • Redução da pobreza e comércio ético • Igualdade de gênero, direitos humanos, cidadania, democracia, governança • Cooperação e coexistência pacífica, por exemplo, por meio dos conceitos de Ujamaa, Letsema, Ubuntu/Botho e equivalentes locais	

UA 5. Transformações e dinâmicas internas do século XVII ao século XIX

A Unidade de Aprendizagem 5 abrange a história africana entre os séculos XVII e XIX. Partindo do enfoque da Unidade 4 sobre a história da escravização de africanos, amplia-se a perspectiva para incluir a evolução interna de estados e culturas africanos que também marcaram esse período. Destaca-se as dinâmicas transformações políticas, econômicas, sociais, culturais e espirituais do continente. A unidade examina a intensificação do comércio e das trocas culturais dentro e fora da África os principais movimentos populacionais, a tendência à crescente centralização e a criação de uma diversidade de novos estados e reinos grandes e multiétnicos, além de significativas transformações sociais e culturais. O continente se configurava como um caldeirão de sofisticadas organizações políticas, sociais e econômicas, evidentes nas extensas rotas comerciais que o atravessavam e o conectavam ao resto do mundo. Concomitantemente, era também um continente em constante movimento, interna e externamente. Neste contexto, Unidade conduz os estudantes por uma jornada exploratória dos estados, reinos e impérios africanos do passado, considerando suas circunstâncias, conquistas e desafios. Visa permitir que os estudantes construam conexões entre o passado e o presente e aprendam com a história para enfrentar desafios contemporâneos, refletindo, por exemplo, sobre a importância do patrimônio vivo. Busca, ainda, possibilitar que explorem migrações internas e externas, compreendendo e estimulando empatia pelas razões que levam as pessoas a se deslocarem, e promovendo uma abordagem histórica, sistêmica e digna aos debates atuais sobre migração.

Subtema/ unidade/tópico/ vertente	Resultados de aprendizagem específicos		
	Ao final do subtema/unidade/tópico/vertente, o estudante deverá ser capaz de		
	Educação primária	Primeiro nível da educação secundária	Segundo nível da educação secundária
1. Estados, reinos e impérios, por exemplo: – Norte da África (por exemplo, os otomanos no Norte da África, a dinastia Sa'adi em Marrocos) – Sudão Central (Império Kanem-Borno) – África Central (por exemplo, os Estados de Luba e Lunda, o Reino do Congo) – África Oriental/ Oceano Índico (por exemplo, Madagascar) – África Ocidental (por exemplo, Reino de Daomé, Reinos Hauçás, Reino Asante, Reinos Iorubás)	• Localizar reinos e impérios selecionados em um mapa da África • Descrever a criação de reinos e impérios selecionados na África • Ilustrar as principais conquistas e desafios de reinos e impérios selecionados • Descrever aspectos da vida cultural (por exemplo, línguas, religiões, patrimônio vivo) de reinos e impérios selecionados na África • Identificar canais de negociação	• Analisar fontes históricas relevantes para este período • Descrever as formações sociais e as dinâmicas sociais e políticas no continente africano entre os séculos XVII e XIX • Descrever e comparar a evolução e as transformações (políticas, econômicas, sociais, culturais e espirituais) de diferentes formações sociais e políticas • Explicar as mudanças e as dinâmicas endógenas que são exclusivas do continente africano neste período	• Comparar e contrastar fontes históricas relevantes para este período • Analisar e comparar a formação, a ampliação e a consolidação de estados e reinos multiétnicos na África e os desafios que enfrentaram • Explicar a diversidade de sua organização política, social e econômica • Analisar o papel do comércio de longa distância e do tráfico de pessoas escravizadas nos novos estados • Avaliar o impacto e a importância das relações regionais e das influências externas

2. Principais movimentos populacionais (por exemplo, Oromo, a leste do Nilo, Fulbe)	• Movimentos populacionais e suas causas (migração rural-urbana, urbano-rural, rural-rural e urbano-urbano) • Localizar os principais movimentos populacionais durante o período de 1600 a 1800 e indicar suas consequências	• Definir migração • Identificar formas e razões para a migração na sociedade • Descrever os movimentos populacionais na África durante o período de 1600 a 1800 • Analisar as causas e as consequências dos movimentos populacionais neste período • Estabelecer conexões entre movimentos migratórios passados e atuais • Identificar culturas intangíveis que <i>viajaram</i> pelas sociedades africanas e sua relevância hoje	• Analisar o contexto histórico e os meios pelos quais o Islã continuou espalhando-se na África • Analisar as expressões culturais, incluindo o sincretismo, e como os estudantes relacionam-se com elas • Avaliar a importância da mobilidade na história africana durante o período de 1600 a 1800 • Explicar os movimentos migratórios e seu impacto nas sociedades africanas • Analisar as causas da migração, segundo as tradições orais e as interpretações europeias • Analisar o patrimônio vivo nas sociedades africanas deste período e sua relevância hoje • Avaliar tendências, caminhos e debates atuais sobre a migração atual no mundo
Exemplos de atitudes socioemocionais e comportamentais vinculadas aos resultados de aprendizagem	• Demonstrar apreço pelos sistemas de conhecimento local e pelo patrimônio vivo • Apreciar os movimentos populacionais e a interdependência na sociedade • Compreender os motivos pelos quais as pessoas migram e demonstrar preocupação empática para com os migrantes • Valorizar a distribuição populacional no próprio país e região, bem como a diversidade cultural e a compreensão intercultural • Mobilizar-se e agir em solidariedade com pessoas que fogem da guerra, dos efeitos adversos das alterações climáticas e de outras formas de perseguição		

Exemplos de relações interdisciplinares e transdisciplinares	Ciências Sociais/Artes: estilos de vida, cultura, artes e ofícios em estados, reinos e impérios africanos Ensino Religioso: práticas religiosas Geografia: canais de negociação, migração	Ciências Sociais/Educação para a Cidadania: sistemas e organizações sociopolíticas e relações internas/externas (por exemplo, paz e conflito). Geografia: movimentos migratórios/populacionais, comércio Artes: artes e ofícios Ensino Religioso: práticas religiosas (endógenas), propagação do cristianismo e do islamismo
Temas ligados à paz, aos direitos humanos e ao desenvolvimento sustentável	• Diversidade cultural e compreensão intercultural • Redução da pobreza e comércio ético • Igualdade de gênero, direitos humanos, cidadania, democracia, governança • Urbanização sustentável • Conhecimento endógeno/patrimônio vivo (como facilitador de todos os outros temas mencionados)	

UA 6. Colonização e movimentos de resistência e libertação

A Unidade de Aprendizagem 6 aborda os movimentos de colonização, resistência e libertação africanos. Explora a partilha, a conquista e a colonização da África desde o início da “corrida europeia pela África” na década de 1880, assim como diversas respostas dos africanos ao estabelecimento do domínio colonial. Examina os argumentos e as justificativas apresentados para a colonização e caracteriza a ideologia que sustentou a dominação europeia na África. A Unidade também analisa os diferentes sistemas coloniais implementados em vários territórios africanos, destacando seus princípios e práticas. Incentiva os estudantes a avaliar o impacto direto e as consequências duradouras da colonização nas transformações econômicas, sociais e culturais. Além disso, promove a análise comparativa da gênese e das ações dos movimentos de libertação na África, permitindo que os estudantes reconheçam os legados e a herança colonial.

Subtema/ unidade/tópico/ vertente	Resultados de aprendizagem específicos		
	Ao final do subtema/unidade/tópico/vertente, o estudante deverá ser capaz de		
	Educação primária	Primeiro nível da educação secundária	Segundo nível da educação secundária
I. Processos e sistemas coloniais (por exemplo, no Norte, Oeste, Leste, Centro e Sul da África)	• Ilustrar como a África foi dividida entre os países europeus durante a Conferência de Berlim (1884 – 1885) • Descrever as principais causas e características da colonização • Descrever as consequências do domínio colonial nas comunidades locais e na vida das pessoas (homens, mulheres e crianças, em seu próprio país e região)	• Analisar fontes históricas relevantes para este período • Definir colonização, imperialismo, resistência, racismo • Explicar a motivação e a justificação da presença europeia na África • Analisar o impacto da Revolução Industrial na África • Descrever as etapas da conquista colonial e da colonização da África • Descrever como o período de 1870 a 1880 foi um ponto de virada na colonização da África • Analisar os princípios e práticas dos diferentes sistemas coloniais na África • Descrever e avaliar o impacto do domínio colonial nas comunidades locais e na vida das pessoas (homens, mulheres e crianças em seu próprio país e região)	• Comparar e contrastar fontes históricas relevantes para este período • Definir colonização, imperialismo, resistência, racismo • Avaliar a importância da Revolução Industrial na disputa pela África e analisar o processo e os mecanismos de dominação e exploração econômica da África. • Analisar os argumentos e as justificativas relativos aos processos de colonização e caracterizar a ideologia que sustentou a dominação europeia na África • Descrever as etapas e os meios da conquista colonial • Avaliar a importância do período de 1870 a 1880 como um ponto de virada • Explicar as trajetórias particulares da Etiópia e da Libéria

			• Comparar diferentes sistemas coloniais e economias coloniais na África • Avaliar como os processos coloniais afetaram homens, mulheres e crianças de forma diferente • Avaliar o impacto direto e as consequências duradouras da colonização nas transformações econômicas, sociais e culturais
2. Movimentos nacionalistas e de resistência na África	• Descrever os atos de resistência dos povos colonizados (em seu próprio país e região)	• Descrever e explicar as várias respostas dos africanos à colonização europeia (colaboração, resistência armada e reações mistas) • Identificar os fatores que contribuíram para o surgimento de movimentos nacionalistas e de resistência na/ por toda a África • Analisar o impacto da Primeira Guerra Mundial na conscientização da população • Explicar o papel do pan-africanismo na libertação da África • Identificar diferentes movimentos de libertação na África, seus líderes, objetivos e programas • Descrever a organização, as conquistas e os desafios de lutas pela libertação selecionadas na África	• Explicar e comparar o surgimento de diferentes formas de resistência e movimentos nacionalistas na/ pela África • Avaliar o impacto da Primeira Guerra Mundial na resistência da África ao colonialismo • Explicar o surgimento e o papel do pan-africanismo como um movimento de libertação • Avaliar o papel do sindicalismo • Analisar o papel dos fatores externos na decolonização da África • Analisar o papel da religião e da cultura, incluindo o patrimônio vivo

3. Legados e herança			• Analisar as transformações globais e as interações culturais que resultaram dessa história e suas marcas nas sociedades atuais • Investigar práticas e debates atuais relacionados ao tratamento do passado colonial (por exemplo, práticas memoriais, debates sobre reparações, políticas linguísticas)
Exemplos de atitudes sociais, emocionais e comportamentais vinculadas aos resultados da aprendizagem	• Identificar e gerir positivamente as emoções desencadeadas pela história do colonialismo • Demonstrar preocupação empática por todas as vítimas da colonização • Reconhecer o colonialismo como um crime contra a humanidade e agir contra todas as formas contemporâneas; demonstrar também apreço pelos direitos humanos (valores de liberdade, igualdade, justiça etc.) • Reconhecer e fortalecer-se com a iniciativa, a criatividade e a resistência de todos aqueles que trabalharam contra o colonialismo • Participar das jornadas em memória das vítimas da colonização • Reconhecer e refletir sobre os efeitos do colonialismo nos sentidos pessoal e coletivo de identidade • Reconhecer o valor do patrimônio vivo para a construção de um sentido de identidade e resiliência nas sociedades africanas • Mobilizar e agir em solidariedade contra todas as formas de colonialismo e neocolonialismo atuais na África e para além dela		
Exemplos de relações interdisciplinares e transdisciplinares	Ciências Sociais/Educação para a Cidadania: direitos humanos	Ciências Sociais/Educação para a Cidadania: direitos humanos, educação colonial Geografia/Ciências: economias coloniais; políticas de saúde pública coloniais; práticas e políticas ambientais coloniais	
Temas ligados à paz, aos direitos humanos e ao desenvolvimento sustentável	• Diversidade cultural e compreensão intercultural • Redução de riscos de desastres, mudanças climáticas, ecossistemas, diversidade ecológica e biológica • Redução da pobreza e comércio ético • Igualdade de gênero, direitos humanos, cidadania, democracia, governança • Saúde e bem-estar • Estilos de vida sustentáveis e consumo sustentável • Paz e segurança humana; resolução de conflitos • Conhecimento endógeno/patrimônio vivo (como facilitador de todos os outros temas mencionados)		

UA 7. Surgimento de novos estados africanos e construção da União Africana

A resistência ao colonialismo levou à independência da maior parte do continente africano na década de 1960. Em algumas regiões, como a África Austral, a luta colonial continuou por mais tempo. Os estados africanos emergentes enfrentaram desafios significativos, desde da construção da nação até processos mais amplos de decolonização. Apesar dessas dificuldades, houve avanços importantes na cooperação e integração regional com a criação de organismos regionais e continentais, notadamente a Organização da Unidade Africana, que posteriormente se tornou a União Africana. Neste contexto, a Unidade de Aprendizagem 7 explora os estados africanos emergentes, suas aspirações, conquistas e perspectivas. Incentiva os estudantes a compreenderem o caminho que levou a o estabelecimento de organismos integrativos no espírito do pan-africanismo, examinando seus princípios, objetivos, programas, conquistas e desafios. Além disso, propõe que os estudantes reflitam sobre soluções locais e sustentáveis para o futuro do continente.

Subtema/ unidade/tópico/ vertente	Resultados de aprendizagem específicos Ao final do subtema/unidade/tópico/vertente, o estudante deverá ser capaz de		
	Educação primária	Primeiro nível da educação secundária	Segundo nível da educação secundária
1. A marcha rumo à independência	• Descrever o significado de independência • Descrever o processo que levou à independência (em seu próprio país e região)	• Definir os termos estado, independência e decolonização • Descrever a situação da Etiópia e da Libéria às vésperas da Segunda Guerra Mundial • Avaliar o impacto da participação africana nas duas guerras mundiais na marcha rumo à independência • Descrever a onda de independência na África em 1960 • Descrever e comparar formas e etapas de decolonização e consequentes processos de formação de novos estados africanos (estudos de caso) • Avaliar o papel da solidariedade e das parcerias internacionais na facilitação da independência de alguns países africanos (estudos de caso)	• Analisar e comparar os processos que levaram à independência em toda a África

2. Desenvolvi- mentos políticos na África pós- independente		• Descrever e analisar a evolução dos sistemas políticos africanos pós-independentes	• Comparar sistemas políticos em toda a África • Avaliar os efeitos duradouros do colonialismo e o impacto nos desenvolvimentos sociais, econômicos e políticos na África independente
			• Avaliar os processos e desafios da construção do Estado e da nação na África • Explicar as causas, dinâmicas e consequências de crises políticas (violentas), guerras e crimes hediondos (incluindo genocídio, crimes contra a humanidade, como o <i>apartheid</i>, e crimes de guerra) e identificar potenciais caminhos para a resolução pacífica de conflitos.
3. Pan-africanismo, unidade africana e integração regional	• Identificar organizações continentais e regionais na África e seu trabalho na promoção da integração • Identificar os blocos econômicos, políticos e sociais na sua própria região (por exemplo, suas sedes, os países membros seus objetivos e programas, suas realizações e desafios, e como poderiam ser mais eficazes)	• Definir pan-africanismo, integração • Rastrear e explicar as origens e o desenvolvimento do pan-africanismo e identificar suas principais figuras • Identificar os objetivos do pan-africanismo • Traçar a história da OUA e da UA • Descrever os princípios, os objetivos e o funcionamento da OUA e da UA • Avaliar as realizações da OUA e da UA • Traçar a história da integração regional e sub-regional, suas formas e etapas, e avaliar o papel desempenhado pelas organizações regionais na construção da unidade africana.	• Explicar o pan-africanismo, suas origens, objetivos, desenvolvimentos e analisar seu papel na construção da unidade africana • Traçar e comparar a história da OUA e da UA, seus objetivos, princípios, conquistas e desafios • Traçar a história da integração regional e sub-regional e avaliar o papel que tem desempenhado na construção da unidade e prosperidade africanas • Avaliar a relação entre a UA e as Nações Unidas

		• Avaliar as conexões dos movimentos de integração pan-africanos com outros movimentos regionais de integração e decolonização • Analisar as seis regiões que compõem a UA (Norte, Sul, Oeste, Leste, Centro e a diáspora)	
Exemplos de atitudes sociais, emocionais e comportamentais vinculadas aos resultados de aprendizagem	• Valorizar a independência, a unidade e a integração africanas; apreciar igualmente as identidades e as interligações complexas e múltiplas • Demonstrar apreço pela forma como a cultura em geral e o patrimônio vivo em particular contribuíram para a construção de um sentido de identidade comum durante este período • Demonstrar apreço pela igualdade e equidade entre os seres humanos e rejeitar discriminação, racismo e xenofobia • Reconhecer e agir para enfrentar todas as formas de injustiças e desigualdades • Defender meios pacíficos de resolução de conflitos na sociedade • Demonstrar apreço pelas contribuições da diáspora para o desenvolvimento da África		
Exemplos de relações inter-disciplinares e transdisciplinares	Ciências Sociais/Educação para a Cidadania: direitos humanos, cooperação		
Temas ligados à paz, aos direitos humanos e ao desenvolvimento sustentável	• Diversidade cultural e compreensão intercultural • Igualdade de gênero, direitos humanos, cidadania, democracia, governança • Paz e segurança humana; resolução de conflitos • O patrimônio vivo como facilitador de tudo o que foi mencionado acima		

UA 8. Desafios e perspectivas atuais para a África

O continente africano enfrenta uma série de desafios interligados que abrangem áreas como educação, saúde, economia, neocolonialismo, integração regional e paz sustentável. Esses desafios foram agravados pela COVID-19, pela revolução digital em curso e pelos efeitos adversos das alterações climáticas. Embora algumas dessas dificuldades estejam relacionadas a falhas de liderança pós-coloniais, corrupção e outros fatores internos, muitas delas podem ser atribuídas a os legados de passados violentos, como a escravidão, o colonialismo e o *apartheid*. Com base na Unidade anterior e aprofundando-se no presente, a Unidade de Aprendizagem 8 explora esses desafios, incluindo seus impactos distintos, particularmente sobre os marginalizados, e suas conexões globais. A Unidade incentiva os estudantes a recorrerem ao passado, à rica diversidade cultural e à herança do continente como fonte de inspiração e inovação, promovendo mobilização e ação determinada para enfrentar os desafios atuais e construir um futuro inclusivo, justo, sustentável e pacífico.

Subtema/ unidade/tópico/ vertente	Resultados de aprendizagem específicos		
	Ao final do subtema/unidade/tópico/vertente, o estudante deverá ser capaz de		
	Educação primária	Primeiro nível da educação secundária	Segundo nível da educação secundária
1. Os desafios atuais da África e das suas diásporas (por exemplo, espiritualidade, religiosidade, educação e saúde pública, equidade, incluindo gênero, terra, meio ambiente e população, paz e segurança, energia e exclusão digital, globalização, racismo e neocolonialismo)	- Identificar os vários desafios enfrentados por sua comunidade, país, região, a África e o mundo - Imaginar possíveis soluções locais e sustentáveis para enfrentar esses desafios	- Descrever os vários desafios que sua própria comunidade, país, região, a África e o mundo enfrentam hoje, e as respectivas causas e efeitos - Examinar como desafios específicos afetam diferentes pessoas e grupos de várias maneiras, como crianças e jovens, mulheres e outros grupos marginalizados - Avaliar as políticas que visam a enfrentar os desafios atuais e sua eficácia - Identificar e explicar mudanças e continuidades em relação a questões, desafios e respostas selecionados - Sugerir soluções para os desafios atuais	- Analisar e comparar vários desafios que sua própria comunidade, país, região, a África e o mundo enfrentam hoje, e as respectivas causas e efeitos - Definir globalização, neocolonialismo e racismo - Analisar as características, objetivos e manifestações da globalização e do neocolonialismo, e suas consequências - Avaliar o impacto do neocolonialismo e racismo, e as potenciais resistências a eles no contexto local e além - Propor soluções sustentáveis para o desafio mais imediato em sua própria comunidade/país/região/na África e no mundo
2. O renascimento cultural da África			Definir o renascimento cultural africano, seus objetivos, princípios, fundamentos e pressupostos subjacentes e explicar como o patrimônio cultural local pode ser promovido

			• Avaliar o potencial do renascimento cultural africano para o desenvolvimento do continente • Analisar o lugar da África na arena global, por exemplo, nas relações globais (geo)políticas, econômicas e culturais • Propor soluções para o reposicionamento da África na arena global • Refletir sobre seu papel na participação do futuro da África
Exemplos de atitudes sociais, emocionais e comportamentais vinculadas aos resultados de aprendizagem	• Demonstrar preocupação com os desafios locais e regionais atuais da África e sua resolução, bem como refletir sobre os potenciais dilemas éticos • Demonstrar empatia por aqueles que sofrem com os impactos sociais mais amplos dos atuais desafios locais e regionais da África, como, crianças, jovens, mulheres e outros grupos marginalizados • Reconhecer como os atuais desafios locais e regionais da África e seus impactos sociais mais amplos estão relacionados aos desafios globais e demonstrar empatia e solidariedade com as pessoas afetadas • Valorizar formas éticas e transformadoras de agir individual e coletivamente para abordar questões locais, regionais e globais interligadas • Demonstrar apreço pelo valor da cultura e do patrimônio vivo no fortalecimento da solidariedade humana necessária para enfrentar desafios comuns e interligados • Organizar-se e mobilizar-se para enfrentar esses desafios comuns de forma local, pacífica e sustentável • Demonstrar habilidades para um engajamento cívico eficaz (investigação e pesquisa críticas, avaliação de evidências, elaboração de argumentos fundamentados, planejamento e organização de ações, trabalho colaborativo, reflexão sobre as potenciais consequências das ações, aprendizado com sucessos e fracassos)		

Exemplos de conexões interdisciplinares e transdisciplinares	Ciências Sociais/Educação para a Cidadania: paz, direitos humanos, cooperação, gênero, saúde pública, meio ambiente, natureza, espiritualidade, cultura Geografia/Ciências: terra, meio ambiente, população, energia, diásporas Ciências da Computação: tecnologias digitais
Temas ligados à paz, aos direitos humanos e ao desenvolvimento sustentável	• Diversidade cultural e compreensão intercultural • Redução de riscos de desastres, mudanças climáticas, ecossistemas, diversidade ecológica e biológica • Redução da pobreza e comércio ético • Igualdade de gênero, direitos humanos, cidadania, democracia, governança • Saúde e bem-estar • Estilos de vida sustentáveis e consumo sustentável • Paz, direitos humanos, segurança; resolução de conflitos • Água, energia, resíduos • Urbanização sustentável, globalização, desenvolvimento rural e urbano • Conhecimento endógeno/patrimônio vivo (como facilitador de todos os temas acima) • Sistemas e estruturas locais, nacionais e globais • Questões que afetam a interação e a conectividade das comunidades nos âmbitos local, nacional e global • Suposições subjacentes e dinâmicas de poder • Diásporas e desenvolvimento da África

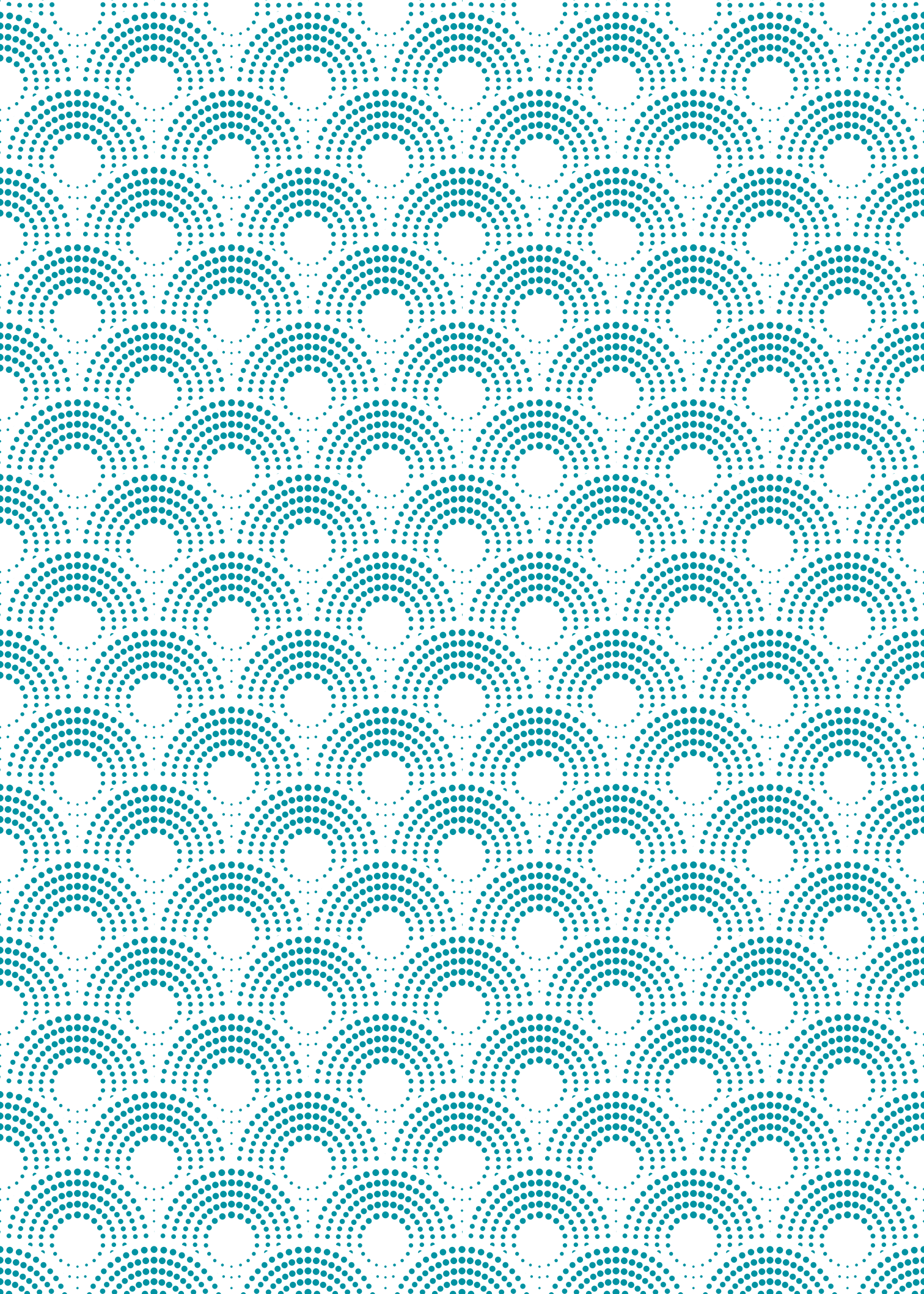
UA 9. Diásporas africanas

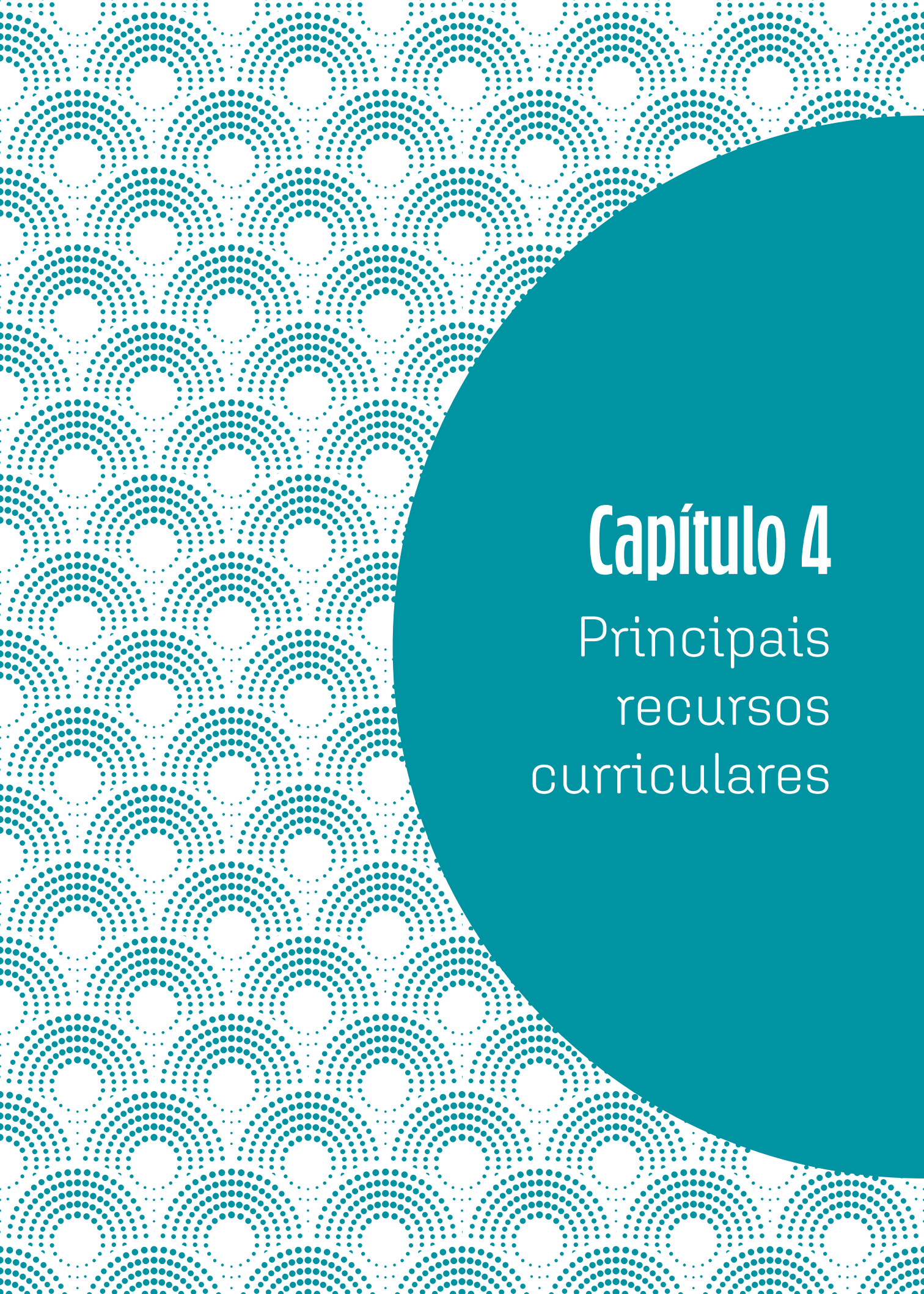
A União Africana (UA) define a diáspora africana como sendo constituída por “pessoas de origem africana que vivem fora do continente, independentemente da sua cidadania e nacionalidade, e que estão dispostas a contribuir para o desenvolvimento do continente e para a construção da União Africana”.¹⁵ Uma diáspora corresponde a uma comunidade de pessoas que compartilham uma origem cultural e regional e que foram dispersas ou migraram para outros lugares, voluntária ou forçadamente. A Unidade de Aprendizagem 9 incentiva os estudantes a examinar o conceito de “diásporas africanas” e a explorar os fatores que contribuíram para a presença dessas diásporas em diferentes partes do mundo. Incentiva-os a analisar o fenômeno e a trajetória histórica das diásporas africanas, suas contribuições culturais, científicas, econômicas e políticas para a África e para a humanidade, assim como seu legado na atualidade.

Subtema/ unidade/ tópico/vertente	Resultados de aprendizagem específicos		
	Ao final do subtema/unidade/tópico/vertente, o estudante deverá ser capaz de		
	Educação primária	Primeiro nível da educação secundária	Segundo nível da educação secundária
1. Formas de diásporas	- Indicar o significado do termo <i>diáspora</i> - Localizar países habitados por diásporas africanas no mapa-múndi	- Definir diáspora, emigração, fuga de cérebros, pessoa de ascendência africana - Descrever diferentes formas de diásporas - Examinar os fatores que contribuíram para a presença das diásporas africanas em todo o mundo - Analisar o fenômeno da migração recente em um contexto histórico	- Comparar diferentes formas de diásporas em uma perspectiva histórica - Analisar o fenômeno da migração recente em um contexto histórico
2. Contribuições das diásporas africanas para a humanidade	- Descrever algumas contribuições das diásporas africanas para a humanidade, incluindo elementos específicos do patrimônio vivo - Identificar as principais personalidades da diáspora africana e suas contribuições para a humanidade	Ilustrar as contribuições das diásporas africanas para a África e a humanidade (política, economia, ciência, cultura, espiritualidade, religião, música etc.)	- Avaliar as contribuições das diásporas africanas para a África e a humanidade (política, economia, ciência, cultura, espiritualidade, religião música etc) - Examinar as lutas de identidade das diásporas africanas e a luta pelos direitos humanos, civis e políticos - Analisar o papel das diásporas no pan-africanismo e na libertação, integração e desenvolvimento africanos

15. União Africana, *Decision on the definition of the African diaspora*, DOC. EX.CL/164 (VII), 2006, [https://portal.africa-union.org/DVD/Documents/DOC-AU-DEC/EX CL DEC 221 \(VII\)%20_E.pdf](https://portal.africa-union.org/DVD/Documents/DOC-AU-DEC/EX%20CL%20DEC%20221(VII)%20_E.pdf). Ver também: *The Diaspora Division | African Union*, <https://au.int/en/diaspora-division>

			• Comparar experiências históricas e contemporâneas das diásporas africanas em todo o mundo (América Latina, EUA, Europa, Ásia e Oriente Médio)
3. Herança	• Identificar heranças relacionadas às diásporas africanas	• Identificar elementos do patrimônio cultural imaterial que sobreviveram em diferentes comunidades de ascendência africana em todo o mundo e sua contribuição para o desenvolvimento sustentável	• Examinar elementos da herança, da cultura e legados de populações afrodescendentes em todo o mundo
Exemplos de atitudes sociais, emocionais e comportamentais vinculadas aos resultados de aprendizagem	• Demonstrar apreço pela atuação histórica e pelas contribuições das diásporas africanas, bem como pelas complexidades das suas identidades e heranças • Demonstrar empatia e solidariedade às diásporas africanas e outros povos, comunidades e culturas, em particular oprimidos ou marginalizados • Agir individual e coletivamente para desafiar a discriminação e a desigualdade e lutar pela justiça junto a os oprimidos e marginalizados na África, nas suas diásporas e no mundo em geral		
Exemplos de conexões interdisciplinares e transdisciplinares	Ciências Sociais/Educação para a Cidadania: diásporas e direitos humanos Geografia: migração, fuga de cérebros Ciências: contribuições científicas das diásporas Literatura/Artes/Música: contribuições culturais das diásporas		
Temas ligados à paz, aos direitos humanos e ao desenvolvimento sustentável	• Diversidade cultural e compreensão intercultural • Igualdade de gênero, direitos humanos, cidadania, democracia, governança • Patrimônio vivo (como facilitador de todos os itens acima)		





Capítulo 4

Principais
recursos
curriculares

Resumos dos volumes da HGA

Volume I: Metodologia e Pré-História da África (1981)

O Volume I aborda a história inicial da África – anteriormente conhecida como “pré-história” – e sua metodologia. O primeiro capítulo examina a importância que diferentes sociedades africanas atribuem ao seu passado, o crescimento e o desenvolvimento da historiografia africana, fornecendo um panorama das principais fontes e técnicas utilizadas pelos historiadores. A segunda parte trata especificamente dos primeiros seres humanos e da história inicial da África a partir de diferentes regiões, Norte, Sul, Leste, Oeste e Centro, com destaque para o Vale do Nilo. Alguns capítulos são dedicados à arte da história inicial, às técnicas agrícolas e ao desenvolvimento da metalurgia.

Volume II: África Antiga (1981)

O Volume II cobre um longo período da história da África que abrange cerca de 9.000 anos, desde o final do Neolítico, por volta de 8.000 a.C., até o início do século VII d.C. Os capítulos percorrem as civilizações das principais zonas geográficas estudadas pela historiografia africana, como, o corredor do Nilo, Egito e Núbia; as terras altas da Etiópia; a parte da África que, mais tarde, receberia o nome de Magreb, bem como seu interior saariano; o restante da África, e algumas das ilhas do Oceano Índico. Devido ao seu papel central na história inicial da África, a antiga civilização egípcia ocupa grande parte do volume.

Volume III: África do século VII ao XI (1988)

O Volume III concentra-se em dois grandes movimentos que tiveram repercussões duradouras na história cultural, política e econômica do continente: a crescente influência e expansão do islamismo, bem como a sua interação com a cultura tradicional africana nas regiões Norte e Oeste, e a expansão bantu no Sul.

Volume IV: África do século XII ao século XVI (1984)

O Volume IV analisa uma fase decisiva na história do continente, marcada pela expansão da cultura africana e pelo aumento da produção de registros escritos. Esse volume enfatiza o fortalecimento do Islã em diversas regiões, a expansão das relações comerciais, das trocas culturais e dos contatos humanos e o desenvolvimento de reinos e impérios.

Volume V: África do século XVI ao XVIII (1992)

O Volume V aborda a história da África desde o início do século XVI até o final do século XVIII. Dois temas principais se destacam: a contínua evolução interna dos estados e das culturas africanos e, em segundo lugar, a crescente participação da África no comércio exterior – com consequências importantes, porém imprevistas, para o mundo inteiro.

Volume VI: África do século XIX à década de 1880 (1989)

O Volume VI aborda a história da África desde o início do século XIX até o início da “disputa” europeia por territórios coloniais na década de 1880. Apesar da crescente presença comercial, religiosa e política europeia ao longo do século, influências externas foram sentidas indiretamente pela maioria das sociedades africanas, que responderam por meio de diversas tentativas, culturalmente distintas, de modernização, ampliação e desenvolvimento.

Volume VII: África sob dominação colonial 1880 – 1935 (1985)

O Volume VII examina o período de partilha, conquista e ocupação desde o início da “disputa europeia pela África” até a invasão fascista italiana da Etiópia em 1935. Seu foco está nas respostas dos próprios africanos ao desafio do colonialismo.

Volume VIII: África desde 1935 (1993)

O oitavo volume examina o período de 1935 a 1993. À medida que avançam os processos de libertação do domínio colonial, as dimensões política, econômica e cultural do continente são analisadas. Reconhecendo que a imposição do imperialismo europeu, ironicamente, despertou a consciência africana, o volume destaca a inter-relação vital e crescente entre a África e o resto do mundo.

Volume IX: História geral da África: revisitada

O objetivo deste volume é atualizar o conhecimento de volumes anteriores da História Geral da África à luz dos novos avanços na pesquisa. Questionando as práticas e as posturas teóricas da escrita da história africana, esta publicação busca oferecer um novo olhar sobre a longa história da África, introduzindo categorias atualizadas, como “história inicial” – anteriormente conhecida como pré-história. O primeiro capítulo explora os fundamentos epistemológicos, metodológicos e teóricos da escrita sobre a história da África e dos povos de ascendência africana no século XXI. O segundo capítulo revisa o conteúdo dos oito volumes anteriores da História Geral da África. O terceiro capítulo trata da atualização da história inicial do continente. Por fim, o quarto capítulo explora novos desenvolvimentos em estudos históricos, considerando transformações sociais, econômicas e políticas em todo o continente ao longo dos últimos 2.000 anos.

Volume X: África e suas diásporas

Este volume oferece um olhar crítico sobre a dinâmica da relação entre a África e suas diásporas, explorando os movimentos entre o continente e o resto do mundo, bem como as formas como a África conecta-se com o resto do mundo. O conceito inovador de África global está posicionado no centro da abordagem do volume. Suas contribuições baseiam-se em novas epistemologias e práticas historiográficas, como o estudo de biografias, a fim de compreender, a partir da perspectiva interna, a história das diásporas. O primeiro capítulo discute os contextos históricos em que o conceito de raça emergiu, buscando compreender como africanos e afrodescendentes percebem-se e referem-se a si mesmos e aos outros. O segundo capítulo apresenta um mapeamento da diáspora africana, abordando três dimensões com base na geografia da diáspora. O período da escravização na África, independentemente do local, é analisado à luz da luta contínua pela liberdade. Este capítulo também descreve as identidades culturais e como elas foram recriadas nas diásporas africanas e nos sistemas de conhecimento tecnológico. O último capítulo do livro dedica-se às trajetórias de vida e as biografias dos africanos, oferecendo uma visão humanizada e representativa da diáspora.

Volume XI: África global hoje

Este volume aborda os desafios contemporâneos enfrentados pela África e suas diásporas em todo o mundo, oferecendo uma perspectiva crítica, do ponto de vista da África global, que é apresentada como um ator em transformação significativa. Os papéis das mulheres e dos jovens, a criatividade, a produção de conhecimento e as mudanças políticas são temas centrais para o futuro da África e suas diásporas, estando no núcleo da análise deste volume. O primeiro capítulo utiliza o fórum epistemológico como espaço para explorar o conceito de África global. O segundo capítulo concentra-se na situação atual dos africanos globalizados, tanto dentro do continente quanto além de suas fronteiras físicas. O terceiro capítulo aborda a África em movimento e as formas pelas quais o continente participa do enfrentamento dos desafios do mundo contemporâneo.

Integrar a História Geral da África nos sistemas educacionais

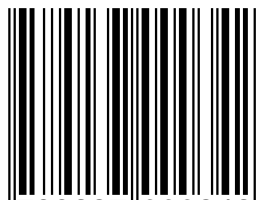
A via curricular

Esta publicação propõe princípios e abordagens orientadoras para a concepção e a implementação da História Geral da África no currículo. Apresenta linhas curriculares para a educação básica, a fim de oferecer perspectivas renovadas e mais amplas sobre a história da África e suas diásporas e suas contribuições para a humanidade. As linhas curriculares são estruturadas em nove unidades temáticas de aprendizagem, organizadas cronologicamente, desde as origens da humanidade e das civilizações até a história mais recente da África.



unesco

Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



9 789237 000342